CONTARIA

Rogério Lima

[CONTOS E CRÔNICAS]

[ ][ ]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca Paraná

ABC
projetos culturais

CONTARIA

LEI PAULO GUSTAVO
A LEI ALDIR BLANC PARANÁ
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Ficha Técnica

Autor
Rogério Lima

Coordenação editorial
Alessandra Pirroncello Bucholdz/
ABC Projetos Culturais

Coordenação de produção
Arte Telúrica
Conceito – Gestão Cultural
Dali Projetos Criativos

Revisão
Luiz Fernando Cheres

Supervisão gráfica
Dyego Marçal

Editoras assistentes
Ana Maria Bourguignon de Lima
Thaisa Cunningham Gomes

Editado por ABC Projetos Culturais
Rua Sebastião Marcondes Ferreira, 22 – Oficinas
Ponta Grossa/Paraná – CEP 84.035-610
e-mail: adm@abcprojetos.com.br
WhatsApp: (42) 99839-4207
@abcprojetosculturais

L732 Lima, Rogério
Contaria/ Rogério Lima. Ponta Grossa: ABC Projetos Culturais, 2025. Coleção Outras Palavras.
79p.

ISBN: 978-65-86870-91-6
ISBN: 978-65-86870-92-3 (e-book)

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 4. Autobiografia. 5. Cotidiano - Paraná. I. T. II. Coleção Outras Palavras.

CDD : B869.4

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos– CRB9/986

Esta obra foi selecionada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC-PR) no Edital de Concurso nº 005/2020, Outras Palavras – Prêmio de Obras Literárias. A editora ABC Projetos Culturais foi escolhida pela SEEC-PR, por meio do Chamamento Público nº 011/2023 - Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias, para realizar a publicação, conforme critérios previamente estipulados. O conteúdo publicado na obra é de inteira responsabilidade de seu(s) organizador(es) e/ou autor(es).

CONTARIA

Rogério Lima

ABC
projetos culturais

SUMÁRIO

APARÍCIO	5
FRANCISCO	14
RESPEITÁVEL PÚBLICO	19
BELMIRO	26
HOSANA	33
DARLENE	38
PAIXÃO E MORTE DO TROPEIRO ZECA PAULA	44
TIBÚRCIO	50
ANARQUISTAS	58
CASTURINO	63
ELA	72
SOBRE O AUTOR	78
SOBRE A EDITORA	79

APARÍCIO

— Porque hoje a vida é de eu sozinho e só de consertar as cercas pro doutor que é rico e mora na cidade na sua propriedade que é grande e vai até lá embaixo beirando o riozinho e depois sobe pelo morro que o senhor vê lá adiante e termina naquele capãozinho com o pinheiro mais alto que tem por estes lados daqui porque a família já foi toda embora pra cidade que aqui já não se tem mais o que fazer...

A mão grande e calejada maneja um velho canivete com cabo feito com chifre de boi e decorado com um aro dourado, já sem brilho devido ao manuseio diário. Vai picando em pedacinhos minúsculos o fumo em corda sobre a palma da mão. Pigarreia, olha direto nos meus olhos e aí fecha os seus. Levanta a cabeça, inspira fundo e, devagar, solta o ar para continuar a contar:

— O pai trabalhou pro avô do doutor num tempo bem longe de hoje que não tinha tudo o que tem por causa que o homem não tinha inventado nada disso ele fazia o trabalho junto com os outros dos nossos tratava dos cavalos e dos porcos também cuidava da boiada roçava milho que colhiam pra fazer uma canjiquinha e um fubá que era deles um pouco do que não ia pra casa do patrão...

Puxa um pedaço comprido de palha de milho e com o mesmo canivete vai desbastando até conseguir deixá-la lisa. Corta a palha pelo meio e nas pontas, fazendo um retângulo. Larga o canivete sobre as pernas, apanha um punhado de fumo picado de dentro de um saquinho plástico, despeja dentro da palha dobrada habilmente com apenas uma das mãos, passa a ponta da língua num dos lados do retângulo e enrola, selando com a ponta molhada pela saliva. Dá um leve aperto no cigarro.

— Várias vezes o pai saía de casa bem cedinho carregando as ferramentas que usava na roça uma enxada de cabo meio torto e uma cortadeira bem afiada que era pra fazer as covas na época do plantio e às vezes voltava já de noitinha sem

trazer as ferramentas que tinha levado cedo quando chegava diferente com uma angústia que se percebia no olho dele e no jeito de ele falar com a gente e tratava a mãe com uma falta de educação que deixava todo mundo ressabiado e ninguém falava nada mais...

Num gesto rápido enfia a mão no bolso direito do paletó cor de sujeira e puxa uma caixa de fósforos. Sacode a caixinha e ri com o chacoalhar dos palitos dentro dela. Abre-a e retira um deles, que passa rápido de um dedo para o outro até ficar em posição de ser riscado na lixa da caixa. Faz uma breve parada do palito no ar e inspira...

— O pai e os outros dos nossos fumavam palheiro também que nem eu e ainda faziam o fumo que consumiam com as folhas que tinham que plantar até meio escondidinho do patrão que não gostava de ver eles fumando e só fumavam escondidinhos também com medo de receber algum castigo por desobedecer às ordens dele que era um homem que quando ameaçava não deixava por menos na hora de cumprir as ameaças...

Risca o palito de fósforos e a chama alta ilumina o rosto negro e revela dois grandes olhos brancos marejados. O cigarro de palha vai para a boca de lábios grossos e o fogo chega na ponta do cigarro. Ele puxa o ar e o cigarro incendeia-se numa labareda rápida, que se extingue de imediato. Da boca do negro sai uma fumaça espessa e branca que lhe encobre o rosto...

— O que o patrão tinha pedido pra ele não tinha jeito de adivinhar só que não era coisa de se contar pra ninguém e de guardar em segredo porque deixou o pai transtornado por vários dias até que ele saiu de casa bem mais cedinho do que era hábito e nem levou as ferramentas nem disse adeus pra mãe e mais nenhum de cavalo foi sozinho o que era estranho porque não era tempo de lidar com a boiada o que ele não fazia sozinho por causa que iam em bastante quando era pra isso...

Mais uma tragada no cigarro de palha, um olhar que busca lembranças e a baforada de fumaça espessa e branca outra vez encobre o rosto do negro. Pigarreia, olha para a ponta do ci-

garro em brasa, faz um trejeito com o olho direito como quem pretende chorar. Coça o olho com a palma da mão esquerda, inspira fundo, solta o ar pelo nariz. O olhar perdido para cima. A cabeça abaixa devagar e os olhos buscam alguma coisa no chão de terra do paiol de madeira com paredes que antes eram brancas e agora são sujas, de fumaça e barro. Levanta a cabeça e dispara...

— *Que a mãe tinha desconfiança do que poderia acontecer ela tinha que não parou quieta o dia inteirinho a lidar pra lá e pra cá na casa e na horta e no terreiro com as galinhas ela ficou ensimesmada sem querer conversa com ninguém fazia tudo de forma que era a maneira dela fazer as coisas de todo dia até que o pai chegou de volta em casa já bem mais tarde que a noite estava escura que nem breu e ele nem puxou assunto nem quis comer nada porque foi direto pra cama assim mesmo do jeitinho que tinha chegado...*

O negro coça o cabelo branco e olha para a ponta dos dedos que acabaram de deslizar pela cabeleira encaracolada. Faz um ar contrito, olhos semicerrados e a boca trêmula quase que balbucia algo. O braço levanta rápido e o cigarro de palha volta à boca mais uma vez. Uma tragada demorada. Olhos que piscam rápidos e a fumaça sai soprada forte, para frente. Ele se apoia na ponta dos pés descalços, de pele grossa e rachada nas palmas e calcanhares, e com as pontas dos dedos das mãos levanta levemente a velha cadeira com assento de palha em frangalhos, fazendo uma improvável mudança de lugar. O cigarro de palha na boca, outra vez. A tragada e a baforada, agora mais lenta. Fita o nada:

— *Só sei que foram dias naquela gastura sem se falar em nada que não fosse coisa de trabalho e necessidade da casa e o pai já nem saía pra muito longe mal ficando muito tempo no terreiro que parecia não querer ser visto incomodado com sabe lá deus o quê e a mãe então nem se fala de tanta angústia que transparecia nos olhos dela e no jeito de falar com todos na grosseria e brutalidade porque ele não fazia menção de contar nadinha e nem ela tinha coragem de fazer pergunta que sabia*

que ele não ia mesmo responder já que a coisa que tinha feito não precisava ser dita pra ninguém muito menos pra ela...
Pela janela do paiol um facho de sol começa a clarear o interior do lugar onde o negro morava só. Chão de terra batida e as pontas de baixo das tábuas já desgastadas pelo tempo. Um fogão a lenha feito por ele mesmo, aproveitando uma velha chapa de ferro que, segundo relatou pouco antes, já era da casa onde morava com os pais e os muitos irmãos. Traga e solta a fumaça. Cruza os braços sobre o peito e com o olhar certeiro continua:
— *Mesmo quando o doutor delegado e mais dois policiais estiveram lá em casa e conversaram com o pai por tempo bastante procurando alguma coisa que ninguém sabia o que era e não encontraram nada indo embora e deixando o pai com jeitinho de quem tinha visto assombração a mãe não teve coragem de fazer perguntas pra ele de modo que só olhava e os olhos dele já pediam pra ela não perguntar nada...*
Tosse forte e contrai o peito. Aperta com a mão esquerda em cima do local onde fica o coração e fez um movimento circular, como uma massagem. Diz que o peito dói às vezes e que cada vez mais tosse forte e continuamente. Tamborila os dedos na perna direita, cruzada sobre a outra. Descruza as pernas, traga o cigarro de palha e dá mais uma baforada longa. Inspira e segue em frente no caso:
— *No dia que um dos meus irmãos do meio encontrou a espingarda amarradinha com embira escondidinha por debaixo da tampa do poço de a par com a parede e a trouxe pra casa foi que a mãe ficou mais cismada parecendo ter ganhado coragem perguntou pra ele se tinha alguma coisa a ver o delegado com os policiais com a arma que o menino tinha achado no poço porque alguém colocou lá naquele lugar de propósito amarradinha daquele jeito bastante estranho porque só os dali é que chegavam perto do poço e algum estranho teria chamado a atenção e sido visto por alguém andando por ali de tão pertinho da casa que era e pior que não era arma de*

caça e ele disse só que não e também disse que sim também...
Em cima da chapa do fogão um bule e uma caneca com um coador de pano sujo de café passado. Uma pequena pilha de lenha ao lado e o cachorro branco com manchas pretas e nariz fino deitado no chão a olhar como que prestasse atenção no que o negro dizia. Quando leva o cigarro de palha à boca, os dedos com unhas sujas tremem. O cigarro treme também e os lábios acompanham aqueles pequenos movimentos involuntários que tomam o corpo inteiro do homem. Traga de forma mais rápida do que antes e solta a fumaça para frente, com força.
— *O pai não fez questão de comparecer no enterro do Aparício que tinha levado um tiro no peito quando andava pelo carreiro que era usado pra chegar até a estrada e diziam que era o homem de confiança do patrão que pedia pra ele qualquer coisa que ele fazia mesmo sem pestanejar já tendo feito muito servicinho de acerto de contas que com ele não comentavam mas que todo mundo sabia que ele fazia de modo que em muitas ocasiões até viajou pra longe pra fazer isso que o pai mesmo falou pra nós umas vezes que tinha sabido por ouvir dizer...*
Não termina de contar, balançando a cabeça afirmativamente. Com o cigarro de palha entre os dedos, bate com as palmas das mãos nas coxas. Inspira profundamente. Solta o ar e lá foi o cigarro para a boca. Traga e expele a fumaça. Coça o nariz com o dedo indicador da mão esquerda e faz uma careta retorcida.
— *Como era eu o mais velho dos irmãos o pai pedia pra eu fazer o que considerava de maior responsabilidade sempre dando conselhos pra eu ficar longe da casa do patrão quanto pudesse já que ele também não devia de vir mais pra perto da nossa casa e pra não entrar em confusão e nem em assunto dos outros porque não era bom pra mim que ainda era novinho e podia até fazer outras coisas que ele não fez e tinha arrependimento de não ter feito quando pôde que era ir embora pra cidade e trabalhar no que não judiasse tanto e longe de mando de patrão que pensa que só porque a gente mora*

na terra dele pode pedir pra fazer coisas que não são certas e tem que fazer por causa que deve favor pra ele e não fazendo vai ficar sem ter onde morar nem o que comer padecendo junto com a família...

Agora com movimentos mais trêmulos, o negro traga o cigarro de palha como quem quisesse de uma vez só queimá-lo inteiro. A baforada vem forte e intensa, com a fumaça branca enchendo o espaço em torno dele. Quando vira o rosto em direção da janela, os olhos brancos e grandes revelam um oceano de lágrimas que começava a descer em gotas pela pele escura e enrugada do rosto. A primeira gota que caiu quase foi amparada pela mão robusta, a mesma que não deixou nenhuma outra sair dos olhos quando enxugou o que seria uma precipitação incontrolável de lágrimas. Puxa o ar com força e encheu o peito para, quase num soluço, soltar a continuação do que contava:

— *Quando a mãe se consumia na angústia por não saber de nada o que aconteceu eu tive vontade de contar pra ela tudinho o que sabia que ele tinha me contado porque não aguentou segurar o que tinha feito e era errado fazer daquele jeito mas que não tinha outro uma vez quando pediu pra eu levar o cavalo de volta pra cocheira do patrão porque o animal era dele dias depois daquilo me chamou num cantinho na boca do mato e pediu que ouvisse e não falasse nadinha e nem depois contasse pra ninguém o que ia contar pra mim porque tinha confiança por eu ser o filho mais velho que eu ia entender não ter sido de propósito e sim porque não podia levar a culpa de coisa que não foi ele quem fez...*

Já com um quase nada do cigarro de palhas entre os dedos, leva à boca para uma última tragada, quase queimando os dedos. Puxa tão fundo que o rosto revela o contorno dos ossos debaixo da pele. Quando a fumaça vem de dentro volta a inflar as bochechas negras salpicadas por pontas brancas de pelos da barba feita há poucos dias. Larga no chão a ponta do cigarro e, com a lateral do pé, chega um pouco de terra sobre ela para dar fim à brasa. Um sorriso nervoso no ros-

to antecede a revelação do que estava guardado há tantos anos:

— *Foi o pai que atirou no Aparício e matou ele no carreiro no dia em que voltavam da fazenda do nhô Elísio onde foram fazer um servicinho que era acertar contas do patrão com um tal de Geremias que foi funcionário dele e ele disse ter roubado dinheiro da venda de uns boizinhos lá na cidade que tinha encarregado ele de fazer por um valor que na hora do acerto ficou faltando um tanto e o Geremias afirmou que o valor acertado era o que estava entregando para ele e não o que o patrão alegava ser...*

Com a fala já pausando a cada palavra, o negro parece ter agora tirado das costas um peso que lhe incomodara tal qual uma grande pedra. Respira devagar e já não faz tantos gestos e trejeitos. Coloca as pontas do polegar e do indicador nas laterais da boca e puxou os dedos queixo abaixo. Continua:

— *Daí que o patrão pediu pro pai acompanhar o Aparício de modo a conferir se o serviço ia ser bem feito do jeitinho que ele pediu pra fazer sem erro e nem hesitação porque já não tinha a mesma confiança no empregado e precisava de alguém mais novo e inteligente que fizesse as coisas sem ficar titubeando e mostrando arrependimento que era sinal de não gostar do que faz e podia levantar suspeita que não queria que tivesse porque ia levar todo mundo a desconfiar dele que era homem de respeito e bem situado e a carreira na política podia ficar prejudicada com isso...*

Pigarreia e escarra no chão, chegando terra com o pé sobre a cusparada que dera para então virar o rosto, como se buscasse alguma coisa além da janela do paiol. Volta a cabeça e solta:

— *O Aparício pediu e o pai ficou numa lomba da estrada esperando ele voltar depois de fazer o serviço no Geremias conforme o patrão pediu e quando voltavam pra casa cavalgando devagar sem falar nada já de noitinha no lusco-fusco que ainda dava pra ver alguma coisa no carreiro no meio do mato ele chamou o pai e pediu que ele ficasse com a espingarda*

pra ele que ia precisar muito dali pra frente e quando ele pegou a espingarda o Aparício deu um sorriso maroto e o patrão apareceu de repente e perguntou se o pai tinha feito o serviço bem feito e ele confirmou com a cabeça que sim no que o pai não entendeu nada só quando o patrão disse que quem mata tanta gente como ele matou tem que pagar na cadeia e o Aparício riu alto e concordou disse que sentiu o sangue ferver e subir pra cabeça e fez pontaria no peito do Aparício e puxou o gatilho derrubando ele do cavalo com um tiro apenas pra depois fazer pontaria no patrão que puxou a rédea pra esquerda e atirou nele sem acertar por causa do movimento do cavalo que disparou pelo carreiro afora sem dar tempo de atirar de novo...

O negro suspira, passa os dedos na cabeleira branca, pega a caixa de fósforos do bolso do paletó, chacoalha e ri nervoso, de novo:

— *O patrão conforme o pai contou foi preso dois dias depois quando estava na casa da cidade acusado de ter matado o Geremias que funcionários da fazenda testemunharam que era ele mesmo quem fez o serviço no antigo empregado que ele matou com um tiro de espingarda certeiro no peito quando ele virou pra atender o chamado do mesmo jeitinho que morreram outros por lá naquele tempo e a polícia ainda disse que ele matou o negro pra não deixar testemunha e que escondeu a espingarda pra não deixar prova e que ela não foi nunca mais achada...*

O negro levanta da cadeira e arrasta os pés até o caixão de lenha no canto do paiol. Abre a tampa e, de dentro, retira um embrulho comprido feito com saco de estopa e amarrado com corda de sisal, tudo desgastado pelo tempo. Com paciência senil vai desatando os nós e desembrulhando até que surge o cano escuro e, enfim, o cabo de madeira já fosco da espingarda que o pai usara para matar Aparício e com a qual tentara alvejar também o patrão. Empunha a velha espingarda enferrujada e ri aberto, mostrando os poucos dentes:

— Desconfio que se o patrão do pai não tivesse desejado ele mesmo matar o Geremias o pai ia ser preso acusado da morte do Geremias e do Aparício e pobre do jeito que era ia apodrecer na cadeia onde o patrão dele ficou só três dias pra sair direto pra um sanatório porque diziam que o homem não batia bem das ideias e tinha que ser tratado...

Segurando a espingarda pelo cabo, na vertical, entrega-a e, finalmente, depois de anos buscando as provas da verdade, encontro a arma dos crimes cometidos pelo meu bisavô e que serviu também para um negro inocente tirar a vida de um outro homem negro, aquele que virou lenda nesta região, tido como o jagunço que nunca errou um tiro quando lhe era encomendado algum serviço.

FRANCISCO

Uma voz fere de morte o silêncio adentro da madrugada. Não. A voz. Melodiosos graves. Afinada rompe o som metálico das cordas batidas.

— *A minha vida era um palco iluminado...*

Violão plangente. Marcação em pausas entre palavras. Horas altas que logo esvaecem com o dia a clarear. Sobre a mesa o copo ainda vazio há muito. Em volta dela, plateia etilicamente paralisada. Olhos semicerrados vermelhos.

— *... eu vivia vestido de dourado...*

Noite após noite. Assim a fio por várias e tantas outras delas. O terno alvo impecavelmente. O panamá descaído à esquerda levemente. Sapatos brancos também e macios como extensão das calças na mesma tonalidade cândida. No andar o corpo jeitoso, molengo, sinuoso... Fascina.

— *... palhaço das perdidas ilusões...*

Nota em nota. Verso em verso. Repertório de clássicos. Cada interpretação tem fim de aplausos em profusão. Apupos de álcool bafejados. Incentivos para mais uma canção. E outras. Muitas outras mais e tantas.

— *... de saber que depois da boemia...*

Mãos aflitas de dedos entrelaçados pelo último verso esticado.

— *... é de mim que você gosta mais!*

Aplausos espocam. Sibilam assovios. O pé desce da cadeira ao piso. Violão repousa no sujo chão do bar. De tudo se fala um pouco e muito. Palavras pastosas. Incompreensíveis algumas. Risos muitos e altos. Alguns goles e mais outros, tantos. Vítreas colisões de copos em garrafas e entre eles próprios sobre as mesas e o balcão.

No primeiro acorde do galo, a boca cala e ele vai. Violão do braço embaixo. Pelas horas apressadas a madrugada agora avança. Vielas e ruas cruza. Caminha do centro para longe. O palco das noitadas tem luzes. O caminho faz a pé. Parte é breu. Chega ao

barraco feio. Porta sem trinco. É a vida que a arte imita. Fogo no cigarro. Expressões da cara recortada em marcas. Barba por fazer. Fundo traga e solta a fumaça. Violão no canto da parede em pé. Desmonta sobre o velho e vermelho sofá. Sapatos voam. Paletó repousa no espaldar da cadeira. Cuidadosamente. Sem amarrotar. Chapéu pendurado em outra. Traga rápido e a fumaça devagar solta.

— *Ah!*

— *Isso? ... são horas? ... de chegar?*

Entre olhos vê gesticulando a mulher. Linda ela. Soluços de finais de todas as madrugadas. Tem latente alguma irritação. Não deixa de ser linda. De passagem faz ranger o piso da sala. Na cozinha prepara o café. Coloca a xícara à frente dele. Fumacenta. Trouxe-a com as mãos chorosas tremendo. Um gole. Mais outro. Contida rodopia em pranto. Para a cama retorna. Ele busca os versos de horas atrás perdidos. "Eu sonhei que tu estavas tão linda, numa festa de raro...". Deixa pra lá!

Dorme e acorda no sofá. Outro dia. Que hora agora seria? Chama por ela. Nada. O violão não vê ao lado. Pula. Chama insistindo por ela. Nada, outra vez. O violão sumiu. Cadê o violão? E a mulher? Olha no relógio e a hora adiantada acelera o nervosismo. Não vai dar tempo de chegar pontual ao trabalho. Mas o violão sumiu. Mulher também. A roupa do trabalho veste às pressas. Calças e sapatos pretos lustrosos, camisa alva em mangas curtas por ela bem passada. Lâmina que raspa a cara barbada. Nova para o trabalho. Calor demais já de manhã. O violão sumiu! Um pedaço rápido de pão com nada. Xícara vazia. Mulher não passou o café. Com o violão sumiu junto. O trabalho urge pelos ponteiros. O violão...

No ponto. O ônibus. Sacoleja no coletivo, sentindo a falta do violão. Mulher levou? Vingança tardia? Mais de cinco anos depois. Não estava certo aquilo. Desembarca e os sapatos alcançam lá na frente, muito longe do que pensa. Chega à loja, esbaforido. Não tem sentido. No pensamento só o violão...

— *Ó aí, "seo" Francisco! Presta atenção! Olha a hora!*

— *Francisco, traga logo esses sapatos pro freguês provar!*
— Já repôs o estoque das botas, Francisco?
— *Moço, tem número 39 do mesmo modelo?*
— *Este aqui ficou apertado no lado!*
— *Estou na dúvida sobre o qual deles levar!*
— ...
Pisava distraído, recebendo ordens e pedidos. O dia todo. Obediência cega até o horário da porta de aço baixar. Expediente acabou. Mulher nem ligou. Não veio até lá. O telefone dela chamou e nada. Várias as vezes que tentou. Distraído com a cabeça de cifras e letras, cheia. No vestiário da loja, calça e sapatos pretos dão lugar a brancos. Hábito. O panamá acompanha ritmado o movimento do palmilhar nas calçadas. Segura um violão imaginário pelo braço e vai. Companheiro desde noitinhas até madrugadas, tantas. Parceiro de horas sem fim. Sumiu!
Foi direto à DP com o Cascata trocar ideias. Investigador da Polícia e parceiro de noitadas. Queria do violão notícias. Também da mulher. Deu informações para o investigador. Implorou por rapidez. Seguiu para o mesmo lugar, de sempre. Sem violão. Recebido por bocas caídas. Admiração por não trazer no braço o instrumento. Sem música a noite. Sem graça. Bebida nos copos. Poucos goles. Vai embora sem os amigos e o violão em hora de não ir. A luz triste da lua nas ruas sem música. Todas tristes. O verso engasgado que estava saiu em golfada:
— *... se papai do céu me desse o espaço pra voar!*
Imaginou nas mãos ter o violão quando o ar dedilhava. O Cascata vai encontrar. Um breu até o barraco é o caminho. O barraco com a porta sem trinco entreaberta. Trouxe o violão com ela quando voltou? Tudo escuro. Chamou por ela. Nada. Passos na cozinha. Ouve atento. Chama outra vez e tem uma resposta:
— *Ela está na casa da mãe, agora!*
Não queria ouvir aquilo do Cascata. Não foi para isso que pediu ajuda ao amigo. Precisava saber do violão.
— *Ela não pegou o violão!*
No peito, aperto. Na garganta, engole em seco a informação.

O cérebro não aceita o que escutam os ouvidos. Ao Cascata roga uma nova informação. Melhor do que a primeira. Desaba no sofá. De paletó, sem preocupação se o traje amarrota. O chapéu voa para trás. Nem os sapatos dos pés saem. Francisco chora o sumido violão. O Cascata olha apenas.

— *E?*

— *Fui eu!*

O quê? O quê? Não entende o que o investigador quer dizer. Foi ele que fez o quê? Olho no olho.

— *Você? O quê?*

— *O violão.*

— *Sim, o violão. Você, o quê?*

— *Eu... levei o violão.*

— *O meu violão!? Você levou!?*

— ...

— *Pra onde?*

O Cascata dá as costas e a resposta congela. Não sai. Sem coragem para de frente encarar o companheiro das musicais noitadas, tantas. De costas fica para ele:

— *Levei pra minha casa. Queria tocar.*

— *Mas você toca violão, Cascata!*

— *Não igual a você...*

Então o Cascata foi quem o violão carregou dali. Foi ele, então. Desalmado. Podia ter dó. Nem compaixão teve de um amigo de anos, tantos. Traiu a confiança e na amizade de tempos desafinou, feio. Traidor. Pior, mais do que trair por trinta moedas é levar o violão embora de um homem.

— *E onde está o meu violão, agora?*

— *Lá em casa!*

— ...

— *Deixa que vou buscar e devolvo pra você.*

Pode isso? O que se diz amigo levou sem aviso o violão. Quer simplesmente agora devolver, como se assim simples fosse. Não, não vai por isso só ficar. Tivesse o violão pedido emprestado, até podia. Não quis saber. Pegou sem pedir. Surrupiou,

na verdade, para ser direto. Papel de Judas fez com um amigo de anos, tantos. Não há confiança que mereça agora. Sujou a barra e vai ter que pagar. Não vai ficar barato!

— *Não quero mais saber da tua amizade, Cascata! Fica longe de mim!*

— *Que é isso!?*

O Cascata quer aproveitar que os separa uma nesga de chão e busca com os braços estendidos tocar com os dedos o amigo no ombro. Esquiva-se ligeiro, para trás, o Francisco. Sinal de que dessa intimidade não tem mais. Agora é por si cada um e para cada canto.

— *E ela?*

— *O que tem?*

— *Quer que ela volte?*

— *Vai dizer que foi você quem levou, também?*

— ...

A resposta do Cascata no silêncio é definitiva. Salta, mais para trás, o Francisco. Cai de joelhos e espalma para o alto as mãos, em espanto ordena:

— *Entrega o meu violão lá na loja, amanhã cedo!*

O Cascata tenta esboçar uma réplica.

— *Eu...*

Para o Francisco, é o que basta:

— *Shhhh! Fica com ela! Assim tu não vais mais poder sair de casa à noite porque alguém pode passar por lá e carregar junto o teu violão.*

RESPEITÁVEL PÚBLICO!

A apresentação dos intrépidos trapezistas voadores encerraria o espetáculo vespertino daquele derradeiro dia da presença do circo na cidade. Porém, momentos antes do número de encerramento, foi que o apresentador e dono da companhia, Don Cornutto, irrompeu pelo picadeiro em desabalada carreira. Ofegante, obsequiou ao maestro que regesse o rufar dos tambores e, com ar grave e trágico estampado na face alva, carregada de maquiagem, decretou que o espetáculo não teria prosseguimento. Entre "ahs!" e "ohs!", "por quês" também ecoavam debaixo da multicolorida lona da grande tenda. A incredulidade dos espectadores parecia só não suplantar a exibida nas expressões faciais do apresentador, confessando-se atingido certeiramente no peito pela fria e cortante lâmina da traição.

Logo que desabrocharam as flores anunciando a nova estação, o Circo Nazionale D'Italia visitava pela segunda vez nos últimos cinco anos a cidade de Morro Redondo. Setembro, definitivamente, era o mês dos circos na cidade interiorana. No mesmo mês do ano anterior, estivera ali o Gran Circo Hermanos Rodriguez, em curta temporada de quatro dias. Agora, o circo recém-chegado anunciava sua temporada integral, completa, com espetáculos todas as noites e matinês nas tardes de sábado e domingo. No último dia, o derradeiro e fatídico.

No final de semana anterior, na sexta-feira e no sábado, olhos curiosos acompanhavam a montagem da grande tenda e toda a movimentação de gente, bichos, carros e coisas mais, que iam e vinham de um lado ao outro. Assim se deu nos dois dias, até que a lona estivesse completamente içada e amarrada por robustas cordas de sisal às estacas enfiadas no chão a certeiros golpes de imponentes marretas. Enquanto a lona colorida subia, debaixo transitavam em todas as direções as peças para

a montagem das arquibancadas e do picadeiro. Durante os dois dias, os alto-falantes gritavam à cidade que na noite de sábado o circo estrearia. O grande espetáculo noturno seria o primeiro da série de apresentações.

Pais, avós, tios e muitas crianças chegavam para assistir à estreia. Eram recebidos no túnel de entrada, à penumbra, por Lady Cleópatra e seu raríssimo filhote de tigre branco. As mulheres a invejar os avantajados seios da artista, quase a saltarem para fora do decote, bem como a maquiagem exaltante, que conferia aos olhos da instigante e oxigenada loira um quê de mistério e sedução. Os homens a averiguar, com olhares curiosos, discreta ou descaradamente, as formas protuberantes dos quadris, à mostra nos recortes generosos do *collant* manchado em preto e branco. Derrubavam-se olhares para as coxas bem torneadas, logo abaixo, mesmo que apenas transparecendo pelas meias de seda cor da pele. As crianças tinham olhos apenas para o gracioso tigrinho albino, alvo de inúmeros dedinhos que apontavam para a representação viva de um brinquedo desejado.

Assim se passaram os dias e o prometido se cumpriu na estreia com o espetáculo noturno, no domingo com matinê e novas apresentações noturnas, repetidas de segunda a sexta-feira, até chegar ao sábado novamente, com matinê e sessão à noite, e no outro domingo, quando o *gran finale* foi programado para começar sob a luz do dia e terminar quando a noite já tivesse caído, num espetáculo único e imperdível. Uma sessão de gala com a presença de autoridades e personalidades da cidade, convidadas de honra da companhia. Para esta ocasião foi destinado o desfecho inesperado.

Pouco antes de os artistas surgirem no picadeiro, solas e saltos subindo e descendo pelas arquibancadas de madeira e cada vez mais gente chegando para ocupar os *polleros* sob a lona multicor. Nas cadeiras da primeira fila, famílias mais abastadas tinham o privilégio de assistir às atrações do circo à distância de um palmo do picadeiro. Na linha frontal estavam os convidados

de honra: nos assentos centrais, a cadeira vazia reservada ao prefeito Regêncio, ao lado da primeira-dama, Dona Devolúncia, acompanhada de seus três filhos. O delegado Pompeu fez questão de colocar-se estrategicamente ao lado do lugar destinado ao alcaide, garbosamente metido em um terno cáqui, personificando a autoridade policial no indefectível quepe. A acompanhá-lo, enganchada a seu braço esquerdo, a noiva Inocência parecia tê-lo agarrado para todo o sempre. O promotor Justino fazia-se comparecer na condição de sua solteirice militante, enquanto o juiz Artêmio exibia com orgulho a renovada esposa, Dona Gabola, em sua primeira aparição pública após a cirurgia plástica, *made in* capital. Uma plêiade de secretários municipais, de assessores e de vereadores tomava as cadeiras das filas posteriores, com destaque para a enormidade física, em todas as direções, do espaçoso chefe do tabelionato, o dedicado e delicado Doutor Carimbolo, acomodado sobre sua avantajada abundância glútea, escandalosamente espalhada pelo espaço de dois assentos contíguos.

Don Cornutto, no centro do picadeiro, tinha agora um olhar nervoso, talvez a procurar por entre a plateia, ainda com uma ponta de esperança em encontrar, o homem que havia tirado dele a alegria pela exitosa passagem do circo em Morro Redondo. Além do orgulho de ter permanecido com a fidelidade dela por cinco anos. Bem que ele ouvira, porém sem conseguir decifrar a contento, os furtivos sussurros das vozes interiores a alertar para a inconsequência de um retorno àquela cidade. Entretanto, a desonra já se configurava sacramentada. Restaria, então, apenas lamentar, baixar a lona e seguir em frente. O espetáculo não pode parar. Ou então lançar-se em uma frenética busca pela dupla de alcoviteiros e lavar em sangue a honra dilacerada. Sinceramente, Don Cornutto não sabia o que fazer e, desconjuntado emocionalmente, pediu ao maestro que regesse um dobrado, cujo ritmo ribombou sob a lona.

Lady Cleópatra não era exatamente, nem de longe, o que se pode classificar de *femme fatale*. Fazia o tipo quando produzi-

da, mesmo que seu nome de batismo fosse Hermenegilda. Metia-se em um *collant* apertado que moldava formas que não teria sem a providencial ajuda da malha. As translúcidas meias de seda cumpriam sua missão de ocultar celulites e varizes perfeitamente visíveis nas pernas nuas da pretensa artista. Os seios empinados e generosamente redondos eram sustentados por uma discreta armação de arame sob o *collant* e elevados por um engenhoso e imperceptível enchimento do bojo com espuma. Os cabelos oxigenados e a maquiagem — embora barata — nada econômica davam o toque final na produção daquela que parecia ser somente o que se via, sem que se percebesse o que estava providencialmente oculto por debaixo e por detrás. Esboçando uma lágrima que nunca escorria pelo rosto, Don Cornutto decidiu que a situação não ficaria por aquilo só. Dirigiu-se à plateia afirmando-se resoluto em sair à caça da traidora e de seu comparsa. Que, alcançando-os, daria cabo da vida dos alcoviteiros. Dela, primeiro, e depois arrancaria dele um último suspiro, tão longo e profundo como a dor que sentia emergir no peito, a lacerar suas entranhas. Pediu ao respeitável público que aguardassem em seus lugares, pois pretendia retornar em breve e dar notícias e continuidade ao espetáculo. Preventivamente, armou-se das mais pontiagudas e afiadas adagas, disponibilizadas pelo atirador de facas do circo, e serviu-se do mais sibilante e estridente chicote do domador de feras. Partiu para cumprir a missão que propusera a si e pactuara com o público, anestesiado pelo insólito ocorrido. Começou procurando embaixo das arquibancadas do circo, vasculhou os *trailers* dos artistas e funcionários da companhia, revirou canto a canto, metro a metro, centímetro a centímetro, até se sentir seguro de que a dupla não estava cometendo escárnio debaixo de suas fuças. Voltou ao picadeiro e avisou ao distinto público que partiria agora para as imediações, que ampliaria sua área de busca para quadras além do circo, para os limites da cidade, casa por casa, paiol por paiol, galinheiro por galinheiro, se necessário fosse. Garantiu que os encontraria e que traria sa-

tisfações para a plateia. Foi neste instante que pairou um ar de comoção nunca antes visto sob aquela lona.

Há cinco anos, quando o Circo Nazionale D'Italia armou sua grande tenda em Morro Redondo, Don Cornutto e Lady Cleópatra gozavam os primeiros meses de um tórrido romance. Ele havia herdado o circo do pai, que faleceu no centro do picadeiro durante a apresentação de um espetáculo. Ela havia acabado de deixar o Gran Circo de los Hermanos Rodriguez. Na verdade, deixara para trás uma vida infeliz ao lado de Toro Rodriguez, o dono do circo, alcoólatra, mulherengo e valentão, sem contar outros predicados nada lisonjeiros, como explorador de mão de obra dos próprios irmãos. Encontrara em Cornutto, por óbvio, um substituto à altura para o ex e agradava-lhe o fato de manter-se vivendo no circo. Pois, há exatamente cinco anos, Hermenegilda aproveitou-se das quase duas horas de duração do espetáculo de encerramento da temporada na cidade, visto que ainda não integrava o elenco, para deleitar-se com um ilustre espectador que cortejara à entrada da grande tenda: o candidato favorito na eleição para prefeito da cidade.

Depois da completa varredura até as periferias, devidamente narrada ao público, Don Cornutto retornou ao centro do picadeiro. Com feições desoladas, diante de uma plateia paralisada e indisfarçavelmente ansiosa, apanhou o microfone, com mãos trêmulas, e informou ainda não ter logrado êxito em sua busca. De pronto, no que se reduziu o volume do som do rufar dos tambores, apoiado no salto da bota de cano alto, e girando em torno de si a segurar o microfone em uma das mãos e a cartola em outra, com o movimento da capa de veludo vermelho a acompanhá-lo, anunciou a próxima e última atração:

— *Adesso! I uomini volanti!*

Afinal, o espetáculo não podia parar. Enquanto os cinco ases do trapézio faziam cair queixos e deixavam bocas escancaradas, Cornutto acomodou-se na cadeira até então vazia de frente para o picadeiro. Apalpando as robustas coxas da satisfeita Dona Devolúncia com uma das mãos e com a outra acariciando

os ondulados cabelos loiros do menino de quatro anos de idade sentado ao lado. Aproximou vagarosamente a boca do ouvido da primeira-dama e balbuciou:

— *Ma che! Sta piu bel nostro bambino!*

Ela não disfarçou o contentamento e envolveu-se em lembranças de há cinco anos, quando já exausta das estripulias extraconjugais do marido, percebeu que ele escapara sorrateiro para se encontrar com a falsa loira que o havia seduzido na entrada. Claramente, recordou de sua ousada atitude de atirar-se para detrás das vermelhas cortinas aveludadas do picadeiro e sugerir uma história ao apresentador que permitisse a eles, igualmente, também o deleite carnal, como forma de vingança pela traição que sofriam dos respectivos pares. O italiano, obviamente, topou a *vendetta.* Não lhe exigiu grandes esforços manter a plateia petrificada em seus assentos por duas horas, graças às suas habilidades retóricas, à espera de um desfecho para a história do dono do circo traído que, desonrado, pretendia lavar em sangue a desdita sofrida.

Regêncio sequer cogitava da ideia de o menino não ser seu filho, até perceber que fora enganado com o que se dizia ser um filhote de tigre albino. O bicho não crescera em cinco anos o que deveria crescer e os pelos do gatão eram cuidadosamente pintados por Hermenegilda com líquido para lustrar sapatos. Os cabelos quase brancos da parceira recebiam tratamento semelhante com tintura apropriada. À beira de um escândalo e pressionado pela famigerada loura a manter a furtiva relação, o prefeito obrigava-se a satisfazê-la em um local insólito: sob um monte de feno discretamente disposto atrás da jaula dos chimpanzés, sob a trilha sonora dos excitados símios, que, pelos gemidos emitidos, ruidosamente desconfiavam do que estava acontecendo naquele canto remoto do circo.

O quinteto de trapezistas foi efusiva e demoradamente aplaudido. Toda a plateia ovacionava a apresentação dos ases voadores quando Don Cornutto retornou ao centro do picadeiro. Sob o facho de um canhão de luz, tirou a cartola e fez uma

demorada reverência aos espectadores. Cuidadosamente retirou e dobrou a capa vermelha, segurando-a no antebraço, as lantejoulas do paletó refletindo os fachos de luzes coloridas, lançando brilhos para todos os cantos debaixo da lona, prometeu à plateia, mais uma vez, que não deixaria sem um fim digno a história da vingança planejada e deu por encerrado o espetáculo quando a noite já caíra, em um português macarrônico, porém promissor e alegre:

— *Respeitável público!...*

BELMIRO

Uma rosa vermelha sobre o túmulo! Pode ter sido deixada num instante em que eu estava distraído. Divago em recordações e ainda não consigo entender o que está acontecendo. Talvez tenha sido em um desses momentos de imersão em visões do passado que a flor foi colocada ali. Não sei, mas tem todo jeito de ter sido ela.

Demorou para que eu começasse a compreender a situação. Então, percebi que ela não aparecera na capela. Nem mesmo no cemitério. Na verdade, já há uns oito meses que eu não vejo a Deolinda. A última vez, salvo engano, foi quando trabalhei na casa dela, uns dias antes do Natal. Até ganhei uma cesta repleta de delícias. Tinha coisas ali que nunca vira antes ou, quanto mais, comido. Coisa boa, especial! Acredito que ela não apareceu no velório. Pelo menos não me lembro. Não tenho certeza porque tudo estava bastante confuso.

A velha, largada na cadeira do canto da capela mortuária é a dona Margarida. O filho dela, o Augusto, parado lá na porta, fumando. O vagabundo nunca quis saber de trabalho. Vive nas costas da mãe, da parca pensão que deixou o falecido Diógenes. Deixa pra lá! Somente os dois atravessaram a madrugada e aguentaram o frio das noites de agosto. No final da tarde, céu limpo, azulzinho que só. De encher os olhos. A temperatura caiu muito, depois que o sol baixou. Pode ser até que tenha geado. A velha estava com frio e a blusinha surrada não a aquecia. Que sentimento de pena me dá ver aquela gente passando frio e mantendo-se firme madrugada adentro. Por que não foram dormir em casa?

A velha era minha vizinha. O filho, um traste, fica ao lado da mãe quase a madrugada toda. Fuma e solta fumaça tal qual a chaminé da fábrica de compensados. A capela fedendo a nicotina e alcatrão de cigarro barato. De vez em quando o traste pigarreia e sai rápido lá fora para escarrar. Quando o

dia amanhece, quase caindo de tanto sono, ele resolve ir embora e deixa a mãe sozinha. Às sete e meia, aparece o Baltazar. Trabalhou comigo em empreitadas e, de vez em quando, chegava lá em casa para tomar chimarrão e jogar conversa fora. Um bom sujeito esse Baltazar!

Houve uma ocasião em que eu e o Baltazar fomos juntos fazer um serviço de capina e limpeza na casa de um dito cidadão rico da cidade, mas que tinha fama de valente. Fomos lá, pois, como sempre, estávamos precisando de dinheiro. Trabalho pesado mesmo, pois o quintal era imenso e estava sujo. Mato pela altura do peito. Picão-preto, guanxuma, tiririca... Primeiro a roçada com foice e depois a capina com enxada. Quase dois dias inteiros de serviço, praticamente sem descanso. Na hora de receber, que nada! O homem invocou que a roçada ficou mal feita e que havíamos cortado umas mudas de árvores frutíferas. Pelo amor de Deus! Quem poderia enxergar alguma muda no meio daquele matagal? O desgraçado puxou o revólver da cinta e, para nós, sobrou apenas a alternativa de fugir. Sebo nas canelas! Bem rapidinho e sem olhar para trás! Depois, o caso rendeu boas risadas, apesar da raiva pelos dois dias de serviço gratuito para o valentão caloteiro.

Também aparecem no velório duas senhoras de idade. Não tenho certeza se eram irmãs lá da igreja ou gente para quem trabalhei. Oram juntas, em voz baixa, ao pé do caixão, e logo saem. Em seguida chega o pastor, a esposa e a filha. A menina tem a pele meio assim, escurinha, enquanto o pastor e a esposa são mais claros. Os maledicentes aproveitam para falar em traição da esposa. Essa gente! Os três também oram, meio que murmurando, e não ficam muito tempo na capela. Bem lá no canto, sem que eu tenha percebido o exato momento em que ela entrou, está uma senhora que não consigo reconhecer. Ela não se aproxima do caixão e permanece por um bom tempo ali. O rosto da mulher não tem nitidez na minha lembrança. É um contorno nebuloso, apenas.

Saí da casa dos meus pais quando eu era piá ainda, muito jovem. Lá no interior só havia a perspectiva de trabalhar na roça. Os três alqueires e alguns litros de chão que o pai tinha não seriam suficientes para sustentar os oito irmãos e mais os pais. Além disso, os três mais velhos já haviam casado e tinham mulheres e filhos. Depois viriam mais mulheres e mais filhos deles e dos outros. Muitas bocas para comer e pouca terra para produzir comida. Como eu era o mais novo dos irmãos, resolvi ganhar o mundo. Em um dia em que estava entre revoltado e inspirado, catei algumas tralhas que considerava minhas e peguei o rumo da cidade. De vez em quando encontrava um dos irmãos em alguma rua da cidade, por acaso. Sem ter ao menos um rádio para ouvir, fiquei sabendo da morte do pai somente duas semanas depois, quando encontrei um vizinho de cerca. A mãe morreu poucos meses após ele. Fui avisado no mesmo dia, mas não consegui chegar a tempo de acompanhar o enterro. Fui até o cemitério da comunidade para me despedir dela e deixar uma flor sobre a sepultura, nada mais que um amontoado de terra com uma cruz fincada na cabeceira, com o nome dela escrito junto com as datas de nascimento e de morte. Depois disso, perdi o contato. Virei um ser sem parentes, pelo menos no que diz respeito ao convívio próximo.

Opa! Chegam os homens da funerária e já vão colocando a tampa no caixão, que rapidamente vai pra dentro do rabecão, carregado pelos dois e mais uns gaiatos, a quem pediram ajuda, que estavam por ali fazendo hora ou curiosos para saber quem é que estava viajando para a cidade dos pés juntos. O carro sacoleja até o portão dos fundos do cemitério e, depois, em cima do carrinho, o caixão é levado até o túmulo. Na verdade, um cercadinho de tijolos velhos com um buraco no meio, feito há pouco pelo coveiro. Aí abrem a tampa. A dona Margarida, do lado esquerdo, segura um rosário entre os dedos. Os dois homens da funerária, um de cada lado do caixão. Nos pés, três vizinhos olham fixamente para

o defunto e, por trás deles, o Baltazar, com cara de tristeza. O pastor ora, por cima da cabeça, e o que diz é acompanhado por apenas dois ou três daqueles espectadores do último espetáculo protagonizado por este velho aos olhos dos que vivem. O coveiro está mais distante, com os braços cruzados apoiados sobre o cabo da pá. Do lado direito, um pouco mais afastada do caixão, o que não permite definir seu rosto, aquela mulher, que antes vira na capela, mantém-se estática. Pode ser ela! Impossível distinguir suas feições.

O dia de trabalho na casa da Deolinda, antes do Natal, foi mesmo inesquecível. Muitas vezes ela veio falar comigo e sua voz doce encheu meus ouvidos de música. Mesmo o avançado grau de surdez não impediu que ouvisse com clareza o que dizia. Logo que cheguei, ofertou-me o café da manhã sobre uma bandeja colorida: uma xícara grande de café com leite e um sanduíche feito com duas fatias de broa de centeio com mortadela e queijo. Bebi e comi feito criança faminta, com uma alegria que devia estar, certamente, transparecendo na cara abobalhada de velho. Ela me olhava e sorria pelo canto da boca. Sabe, fiquei um tempão com aquela imagem na lembrança. O rosto risonho da Deolinda estava em todo o lugar, divertindo-se com a minha gula ao devorar o sanduíche e beber aquele café quentinho. Na hora do almoço foi a mesma coisa, quando ela chegou com um enorme prato de comida: feijão, arroz, farofa, duas coxas de frango e batatas cozidas. Um grande copo de limonada acompanhava o banquete. Não preciso dizer que estava delicioso. E novamente ela sorria, quando apreciava, lá da janela dos fundos da casa, o velho insaciável a devorar o pratão de comida. O café da tarde foi uma repetição do matutino e o momento da despedida, já depois das seis horas, foi cheio de sorrisos e agradecimentos. “Até mais, ‘seo’ Belmiro! Muito obrigado! Se precisar de alguma coisa, apareça!”. Tive vontade de não pegar o dinheiro do pagamento, mas é meu trabalho e precisava dele para inteirar o valor do talão de luz lá de casa. A

Deolinda continuou a sorrir na minha frente até a hora em que consegui pegar no sono.
Aí, quando a face feminina parece começar a ficar mais nítida, lá vem a tampa do caixão. Agora estão atarraxando a tampa. O som é insuportavelmente medonho. Um balanço rápido e a descida para a cova. Um baque seco no chão duro. Pronto, vai ficar assim por anos. Ruídos da terra jogada com pás por sobre a tampa de madeira que, aos poucos, vai abafando os últimos murmúrios lá de cima. Silêncio!
Há quanto tempo não dormia tão bem! Os sonhos variaram de momentos da infância, das poucas e toscas brincadeiras de menino da roça, até as coisas ruins da vida de homem velho e solitário que mora em barraco alugado, passando necessidades. Fome, graças a Deus, foi coisa rara na minha vida. Sempre que não tinha nada em casa, encontrava uma boa alma que oferecia alguma coisa para comer. Dureza era chegar ao barraco e não ter uma gotinha sequer de água para lavar as mãos ou tomar um banho reconfortante depois de um dia inteiro de trabalho pesado. Fornecimento de água cortado por falta de pagamento. Rotina de quase todos os meses. Mas, de tão cansado, caía feito pedra em cima do velho e sujo colchão forrado de palha e o sono chegava rápido, bem antes que pudesse puxar o cobertor. Quantas e quantas noites de frio e o cobertorzinho puído não dava conta de segurar a friagem. Frio de bater o queixo!
Quando consegui enxergar a luz do dia, novamente, calculo que havia transcorrido pelo menos um dia inteiro. Vinte e quatro horas? Talvez. Foi num momento em que o cemitério estava deserto e, súbito, percebi que agora estava em pé, ao lado da cova rasa em que me haviam sepultado. Nenhuma viva alma passando pela viela estreita de chão batido. As flores ressecadas no vaso colocado sobre o túmulo. Tentei sair dali e dar uma espiada no lugar, mas quem disse que as pernas obedeceram. Fiquei imóvel, pensando em tantas coisas que até perdi a noção do tempo.

Mordomias não me fizeram companhia constante na vida. Tive o privilégio, por exemplo, de ganhar uma televisão pequena. Tela de 10 polegadas, segundo o rapaz que trabalhava em uma oficina eletrônica e, ao passar em frente do meu barraco, ficou curioso quando viu o aparelho sobre uma caixa de madeira. Disse que tivera uma daquelas e que se tratava de uma TV muito boa. Elogiou a qualidade da imagem, apesar de ser em preto e branco. Ganhei a televisão de um casal, clientes dos mais fiéis, para quem prestava serviços todo mês fazendo a capina e limpeza de um lote grande, quase no centro da cidade. Vez por outra era presenteado com algumas roupas usadas, mas em boas condições, ou com algum item para alimentação. Infelizmente, eram dos poucos que me tratavam com algum respeito e generosidade.

Quando recordava de uma situação difícil, do internamento no hospital por três dias devido a uma infecção pulmonar, quando nenhuma visita, ao menos, apareceu para aliviar a solidão, foi que percebi a rosa vermelha em cima do túmulo. Vermelha e bonita. Como a Deolinda. Foi ela! Esteve aqui e eu nem percebi. Era ela na capela e também no dia do enterro, segurando um vaso com flores. Certeza!

Agora, passado um bom tempo, já consigo sair de perto da minha cova rasa, o quinhão que me restou da vida. Já consigo circular pelas redondezas e ver a movimentação das pessoas. Não vem ao caso, mas tem gente que faz cada coisa dentro do cemitério. Inacreditável! Algo me atrai para um jazigo na região central do cemitério, área nobre. Um vistoso túmulo coberto de granito preto, encimado por uma bela imagem de bronze de um anjo com face tristonha e as asas caídas ao longo do corpo. Já estive ali antes. Certeza! Chego mais perto, lentamente, e algumas lembranças de poucos dias começam a tomar conta da minha consciência. É uma sensação estranhamente boa e intensamente ruim ao mesmo tempo. A lápide! Lá está ela! Lembro agora o que aconteceu. Sim, foi aqui mesmo. A lápide está lá, o nome

dela está lá: Deolinda Carneiro de Aguiar. Falecida há pouco mais de dez dias. Sepultada ao lado do marido, o rico industrial João Adolfo de Castro Aguiar, falecido há mais de cinco anos. Nem fiquei sabendo que ela havia morrido. Foi isso, o impacto e a tristeza. Agora lembro com clareza que foi aqui mesmo, na frente do túmulo da Deolinda, que eu sofri o infarto fulminante.

Resignado, volto ao meu túmulo. Túmulo? Que nada, a cova rasa nos fundos do cemitério, no lugar mais afastado do portão principal, com vielas de chão batido. A rosa vermelha ainda está lá. Bela ainda, apesar de já não exalar perfume algum. Bela, como sempre foi a Deolinda para mim. Foi ela! Tenho certeza! Vou ficar aqui, pois pode ser que ela apareça e venha trazendo mais uma rosa para mim!

HOSANA

Escrevi o nome da amada em branco de giz no muro do Colégio Estadual. Na espreita, despercebido aos meus olhos cegados pela paixão, de uma das janelas de uma das salas de aula do segundo pavimento o inspetor de alunos flagrou meu arroubo romântico e mandou ver e ouvir, lá do alto, despejando seu vozeirão:

— *Moleque! Tá pensando que isso aqui é a casa da Mãe Joana?*

Assustado e com as pernas tomadas por tremores incontroláveis, não consegui sequer esboçar um passo para lado algum. Nenhuma reação. Um cataléptico militante. Houve tempo para o iracundo descer pelos dois lances de escada, célere passar pela porta lateral do prédio e, certeiro, apanhar-me pelo braço, no mesmo lugar onde estava com os dois pés bem plantados quando escrevia em letra de forma o nome dela.

— *Direto para o gabinete do Doutor Arthur, sem dó!*

O homem urrava com os lábios colados em meu ouvido, fazendo eco no interior da caixa craniana. O aperto no antebraço foi tão forte quanto o berro que dera lá da janela. Não resisti e tentei reclamar:

— *"Seo" Ademar...*

— *Nem seu, nem meu, nem nosso! Vai falar com o diretor já, rapazinho!*

Pelo corredor principal vazio do colégio ia dependurado, agoniado com o aperto da mão pesada do inspetor bigodudo e bufante, a trautear um estudante em lamúrias que misturavam dor e angústia. Não sei se havia mais medo de ter o braço quebrado ou do sermão que ouviria dali a pouco. Tive consciência, ainda, para pensar o quão embaraçoso seria estar à frente do Doutor Arthur e do meu pai, que fatalmente seria convocado para o colóquio no gabinete do abalizado dirigente escolar.

Doutor Arthur era médico por formação. Lecionava Ciências e Biologia no Colégio Estadual apenas "por gostar de ensinar às crianças os mistérios naturais da vida", como frisara várias e intermináveis vezes diante de pais e responsáveis que convocava para assistirem às suas "recomendações" a alunos que pisavam fora do riscado do regimento interno. Desnecessário dizer que meu pai era frequentador assíduo de tais palestras. Na experiência de seus mais de 50 anos de idade e 25 de ensino, Doutor Arthur amealhou a admiração dos colegas professores e foi nomeado diretor pela inspetoria local sob ordens da autoridade máxima do Estado, o secretário. E era temido pelos alunos. Afinal, tratava-se do médico da maioria das famílias da cidade e frequentemente mantinha contato direto com os pais. Não parecia nada atraente para os alunos ficar entre o diretor, visto como um intocável sábio e orientador de famílias, e o próprio pai, pois era aquele um tempo em que esses eram figuras às quais devotávamos o mais extremado grau de respeito.

Voltemos à dor no braço apertado pelo inspetor de alunos, agora já em frente à porta do gabinete. Com a mão livre, bateu e levou-a à maçaneta. Atrás da mesa, duas lentes enfiadas em um aro grande exibiam por detrás olhos indagadores que acertaram direto nos meus, amedrontados, em pânico. A voz ribombou entre os pelos grisalhos do vasto bigode sob os olhos que espiavam por debaixo dos óculos:

— *O que foi que o nosso aluno aprontou, senhor inspetor?*

— *Sujou o muro do colégio, senhor diretor. Escreveu o nome de uma moça e eu o flagrei em pleno delito.*

— *Por obséquio, chame o pai do rapaz para vir aqui, senhor inspetor!*

— *Pois não, senhor diretor!*

Lá foi o "seo" Ademar para a secretaria com a missão de telefonar para o banco e convidar meu pai para uma visita ao diretor. Um silêncio de inúmeras toneladas desabou sobre o ambiente austero do gabinete. Uma escura e pesada mesa principal, as cadeiras de espaldares altos encapados com veludo verde e,

no momento, a figura imponente do Doutor Arthur e eu, impotente, devastado pela mais profunda incapacidade de buscar reagir à posição de réu. Estava pronto a ser sentenciado e condenado por ter, simplesmente, escrito no muro o nome da amada. Com a imaginada atenuante da alvura de um giz branco, praticamente imperceptível sobre o tom creme da pintura do muro.

O silêncio fez-se tão intenso que os tiques e taques do relógio de parede soavam agudos e graves, sopranos e tenores, como se toda a fanfarra e o coro do colégio estivessem ali dentro do gabinete. Conseguia ouvir até o roçar da caneta sobre o papel no qual o diretor escrevia. Por detrás de sua cabeça, encimado na parede do gabinete, dependurado e emoldurado, o general presidente da vez ostentava a faixa verde e amarela. E também me olhava com reprovação. Percebi que meu coração batia cada vez mais rápido e mais alto. Lembrei de uma aula de Ciências, do próprio Doutor Arthur, descrevendo o silêncio do olho dos furacões. De repente, a pergunta:

— *Qual foi o nome que você escreveu no muro?*

Tudo, menos responder. Queria que o chão abrisse sob os pés da cadeira na qual sentava de forma desconfortavelmente incômoda. Seria demais a humilhação falar o nome dela para o diretor, compartilhando um segredo que pretendia fosse apenas meu e, quem sabe, um dia, lá no futuro distante, dela também.

— *Perdeu a língua, rapaz?*

A segunda estocada feriu mais fundo meu sentimento de vergonha. Porém, já sentia a impossibilidade de manter o segredo. Estava mesmo enfiado numa enrascada e, agora, prestes a revelar o que não queria. Disparei como um raio a resposta cifrada, sem respirar.

— *Da filha do turco... da Casa Popular...*

— *Quem?*

— *A filha do turco.*

— *Que turco?*

— *Da loja...*

— A moça não tem nome, por acaso?
— Tem.
— E qual é o nome dela?
— É... Rosana!
Pronto, falei o nome que escrevi no muro. Se era exatamente isso o que o diretor gostaria de saber, agora já estava sabendo.
— Rosana!?
— É. Por quê?
— O nome da filha do Jamil não é Rosana.
Ah! Agora o diretor estava brincando com a minha cara, tirando sarro da minha condição. Eu é quem estudo na mesma turma e não vou saber o nome da Turca. Quase um sussurro no meu ouvido direito, um sopro:
— É Hosana! Hosana! Escrito com H. Não é Rosana. O rapazinho deveria saber, pelo menos, o nome da menina antes de escrever o nome dela errado no muro do colégio. Que ridículo!
Completamente rubro, baixei a cabeça em evidente e indisfarçável sinal de vergonha e derrota. E ele ainda tinha mais para dizer:
— E o pai dela, o Jamil, não é turco. Ele é libanês!
— Libanês! Do Líbano?
A resposta dele foi um sorriso sarcástico. Também, que estultice de pergunta besta eu fiz. Ainda mais dirigida ao diretor do colégio e numa circunstância desvantajosa para mim. Juro que quero o chão abrindo sob os pés da cadeira. Agora! Mas vem, de pronto, um suposto lampejo de inteligência enciclopédica que julgava dispor para contragolpear o diretor:
— E libanês coloca nome judeu na filha?
Mais um sorriso sarcástico. Tremor intenso e mais rubor nas faces. Tinha que abrir a boca? Bem feito por ser metido a inteligente, "quatro-olhos" de uma figa.
— Aí é que você se engana. Hosana é uma palavra que tem sua origem na língua latina e significa salvação. Como o Jamil e sua família são católicos, ele resolveu nominar a filha com uma palavra de sentido religioso. Bonito isso! Entendeu?

Sim, entendi. Tanto quanto entendi que o Turco não é turco porque é libanês. Que a Rosana não é Rosana porque é Hosana. E que o nome dela não tem nada de judeu porque tem inspiração religiosa e é de origem latina. Pior, muito pior, foi escrever errado o nome dela no muro do colégio. Menos mal que foi escrito a giz, pois com a primeira chuva já vai apagar. E, no fundo, agora já nem tenho certeza se eu amo mesmo a Turca. E meu pai nem chegou, ainda, para me passar outro "sabão"!

DARLENE

Dois pra lá...

"*Aquellos ojos verdes,*
serenos como un lago,
en cuyas quietas aguas,
un día miraré.
No saben las tristezas,
que en mi alma han dejado..."

Os metais da orquestra sobressaem-se e o chacoalhar das maracas marca o balanço do bolero. No salão, casais arrastam os pés no ritmo de dois pra lá, dois pra cá. O homem gordo sussurra no ouvido da moça, bem mais nova que ele:
— *Te compro por duzentas pratas! Cinquenta para o motel e cento e cinquenta pra você! Tá bom?*
Na mesma velocidade em que as palavras entraram pelos ouvidos, ela mandou a mão aberta diretamente no lado esquerdo do rosto do gordo. O estampido provocou atenções imediatas. Porém, o gordo pareceu não sentir a bofetada e, espirituoso, riu:
— *Uh! Uh! Uh! A moça precisa de um domador! Garçom, sirva um cowboy duplo pra ela e outro pra mim!*
De pronto, acorreu Dona Bernadete, a anfitriã do *dancing*. Pegou a moça pelo braço direito, pressionando-o com o polegar e o indicador, pouco acima do cotovelo, em forma de pinça, e a fez sentar-se.
— *O que é isso, menina? Te convido para frequentar o meu estabelecimento, a minha casa, e você desacata um dos meus convidados? Tenha modos ou peço para te colocarem pra fora! Deus sabe o quanto você queria vir aqui! Então, comporte-se!*

Encolhia-se na mesma medida em que as palavras da anfitriã eram ditas. Sentiu-se envergonhada pelo gesto estúpido que acabara de protagonizar e, entre dentes, soltou um sussurro:
— *Me desculpe, Dona Bernadete!*
A mulher de olhos azuis profundos, cabelos grisalhos perfeitamente alinhados, fuzilou-a com o olhar, do alto, fazendo mais uma repreensão com um movimento rápido de cabeça. Depois, disparou salão adentro, desviando-se habilmente dos pares que dançavam, de faces coladas e mãos entrelaçadas, ao som de um marcado bolero executado pela orquestra. Dois passos para um lado e dois para o outro lado...

Dois pra cá...

A cidade já havia parado e as ruas estavam quase desertas. Os ponteiros dos relógios não demonstravam vontade de esperá-la. Nem mesmo o vetusto relógio da torre da igreja fazia questão. O vento, apesar de não muito frio, fazia eriçar os pelos das pernas nuas até bem acima da metade das coxas. O vestido curto era um desafio, pois nunca antes usara tal traje na rua. Curtíssimo até. Vestira às escondidas da cuidadosa mãe, que havia sido facilmente enganada sobre a ida a uma festa de aniversário de uma amiga. Ela avançava quase correndo por debaixo de marquises e de múltiplas cores dos letreiros de lojas. O repicar dos saltos altos na calçada de *petit pave* compunha uma trilha sonora para o suspense que criara com a possibilidade de não chegar a tempo. A bolsa era contorcida pelas duas mãos nervosas e comprimida contra o peito ofegante, em angústia indisfarçável. Agora, criara a absoluta certeza de que não chegaria a tempo. Foi quando ouviu, ao longe, ainda em baixo volume, a música que animava o salão de baile. Então, era o coração descompassado com os saltos dos sapatos que passou a marcar o ritmo da caminhada, quase uma corrida.
Um convite vindo de Dona Bernadete seria para sempre irrecusável. Ainda mais neste momento, quando já completara 18

anos. Em qualquer ocasião e tempo jamais poderia pensar em não atender àquela convocação. Sonhara, por tempos, com as festas que eram narradas em tom entusiasmado por suas amigas. Imaginava-se segurando delicadamente entre o polegar e o indicador, com o dedo minguinho devidamente esticado, a taça com champanhe. Levava à boca e as bolhas da bebida faziam-na sentir cócegas no nariz. Também considerava os sorrisos que daria e as palavras que ouviria sobre sua estonteante beleza. Flertes imaginários feitos por belos moços que a arrepiavam quando falados no limite da proximidade do ouvido, com a brisa de um sopro sentida diretamente no ponto mais sensível do pescoço. Ah, Darlene, você é demais!

Música mais audível. Ela apressa o passo, mas o salto alto e fino dificulta o equilíbrio no caminhar sobre os paralelepípedos. As luzes dos letreiros ficaram para trás porque ela entrou na rua que dá de frente para a entrada principal do *dancing*. Ali não existem comércios. As casas de famílias já dormem, sem ouvir a balada que sugere dois pra lá, dois pra cá. No compasso da caminhada, a moça segue, hipnotizada pela sonoridade das maracas. Balança como se dançasse em plena rua. Passa em frente ao bar da esquina, pronta para atravessar a rua e entrar pelo portão principal do clube. Ouve gracejos etílicos e assobios desatinados. Ignora-os e caminha segura, ereta, sem olhar para os lados. Enfim, chega ao portão, encimado por uma faixa que anuncia o baile daquela noite.

O corredor comprido ladeado por muros altos e brancos faz ressoar o toque dos saltos nas pedras irregulares do piso. Ela avança e o coração dispara. A música ressoa na pele, eriça os pelos e penetra os ouvidos com uma sonoridade que não sentira antes. O último compasso da melodia inicia um silêncio elucidativo da orquestra. Não é sonho. Enfim, está no baile e todos estão olhando para ela em sua passagem pela porta de entrada do salão. O interior é decorado com cortinas vermelhas e arandelas ornamentadas com detalhes, flores e com luzes verdes. Ainda admirada com o ambiente, encontra uma mesa sem ocupantes e senta-se. A orquestra retoma sua função.

Dois pra lá...

O garçom passou ao redor da mesa e estendeu o copo de uísque para a moça e deixou outro logo ao lado. Ela não percebeu que o homem gordo estava atrás dela, em pé. Quando ele sentou, tinha a cara rechonchuda, risonhamente em deboche.
— *Uh! Uh! Uh! Vamos tomar o uísque e depois voltar pro salão, minha gata selvagem!*
A mão direita queria agir novamente, mas desta vez não foi dirigida para a cara do gordo. Parou no copo de uísque, apertado com força. Da mesa para a boca e de um gole apenas entornado sobre a mesa.
— *Uh! Uh! Uh! É disso que eu gosto, minha oncinha! Grrrr!*
Com os olhos arregalados, ela procurou pelo garçom e, quando o viu, não teve medida para o grito:
— *Garçom, mais um uísque duplo!*
Vizinhos de mesa faziam caras de espanto. A moça encarou-os, um por um, e desmanchou das feições surpresas qualquer possível sinal de censura que recebesse.
O segundo copo de uísque teve o mesmo fim do primeiro. Então veio outro e mais outro. Dois pra lá, dois pra cá. Rodopiou pelo salão agarrada ao gordo, sem poder abraçá-lo por completo em seu avantajado diâmetro, quase se soltava nos rodopios mais radicais.
Voltaram para a mesa e o garçom serviu mais um copo de uísque para a moça. E outro. O gordo a comemorar cada um deles que terminava entornado sobre a mesa. A orquestra mudou o ritmo e um tango dolente alavancou o corpo esbelto da moça para cima do gordo, de um salto. Puxou-o pela mão e saíram trôpegos pela pista de dança, sob olhares admirados com a disparidade da esbelteza da moça e as formas arredondadas do homem. O par ia e voltava, até que em um descuido do gordo, errando o tempo de segurar a mão da moça, ela estatelou-se no meio do salão. Tudo rodou e o tango foi ficando cada vez mais e mais distante...

Dois pra cá...

Darlene abriu um dos olhos com alguma dificuldade. Foi quase cegada por uma nesga de luz que transpassava uma fresta da cortina azul e amarela. Procurou encontrar algo de familiar no ambiente, mas nada. Abriu o outro olho e percebeu que havia um espelho no teto, refletindo sua imagem nua sobre uma cama redonda coberta por um lençol cor-de-rosa. Os cantos do encontro do chão com a parede eram marcados por uma luz púrpura que tingia um carpete cor de salmão. Escutou a batida de uma porta de carro fechando do lado de fora. Partida no motor e uma arrancada brusca, com os pneus cantando levemente. Correu a mão direita sobre o que parecia ser um criado-mudo ao lado da cama, porém não alcançou o relógio que procurava. Apanhou um cartão de plástico verde no qual estava dependurada uma chave e estampado um desenho de uma mulher estilizado em traços brancos. No verso, a inscrição: Motel L'Amour. Saltou da cama, puxou o lençol e, envergonhada, enrolou-se no pano, segurando as pontas sobre o peito arfante. Darlene respirava em descompasso e desabou de vez ao chão quando viu sobre a cama uma nota de cinquenta reais separada de mais outras três do mesmo valor.

Dois pra lá...

Darlene já caminha com mais desenvoltura e segurança pelas ruas, isto quando precisa caminhar. Normalmente tem carona garantida até o *dancing*. Quando chega em frente ao portão, há um corredor de homens com olhos brilhantes e braços estendidos, prontos para recebê-la e elogiá-la pela sua beleza, cortejando a garota preferida dos frequentadores do estabelecimento de Dona Bernadete. Entra exultante no salão, onde é ovacionada. Agradece e parte para uma noitada a mais de dança, bebida e o que vier de melhor. Quase

imperceptível, num canto do salão, um homem gordo sorri para si mesmo. Satisfeito, não conseguindo reprimir o misto de alegria e frustração, murmura:

— *Fui o primeiro, mas só!*

Era o que todos os frequentadores sabiam, com exceção dos neófitos. Por isso, a mão direita aberta encheu a face esquerda do gordo, num tabefe certeiro desferido pelo mais recente apaixonado por Darlene, que frequentava o *dancing* de Dona Bernadete pela primeira vez.

PAIXÃO E MORTE DO TROPEIRO ZECA PAULA

Zeca Paula não conseguia tirar do pensamento a imagem bela e delicada da moça que avistou em uma das quatro grandes janelas frontais do casarão localizado no entorno da Igreja Matriz, naquela manhã nublada. A moça sorriu para ele. Um bom sinal, sem dúvida. Zeca Paula já pensava em cortejá-la e em pedir a mão da moça em casamento. Entusiasmou-se tanto que até contou a alguns dos companheiros de comitiva sobre o avistamento e também de suas palpitações, provocadas apenas por lembrar da face perfeita e do sorriso de alvos dentes. Certamente, Zeca Paula não morreria tão jovem se não houvesse quedado à paixão.

Desde a chegada com a tropa, Zeca Paula fazia a cavalo o percurso entre a casa em que estava hospedado, atendendo a uma oferta de um casal de antigos amigos de seu pai, até a invernada para verificar as condições dos animais de sua propriedade, que ele e a comitiva, da qual fazia questão de participar, tangiam para a feira de Sorocaba. Foi na ida que, na manhã nublada, vislumbrou a jovem na janela. Manteve-se a admirá-la, quase em paralisia e, por cortesia, meneou o chapéu. A moça sorriu, como que envergonhada, enrubesceu-se e ocultou-se aos olhos do tropeiro por detrás das cortinas rendadas esvoaçantes. Ele permaneceu por mais algum tempo esperando que ela voltasse a exibir, para seu deleite, na janela, a sua figura de beleza exuberante. Mas ela não reapareceu.

Sucederam-se alguns dias e Zeca Paula fazia o mesmo trajeto até a invernada e de volta à casa onde estava hospedado temporariamente. E nada de a moça aparecer na janela. Até que em uma manhã de sol tímido, porém fria, o tropeiro extasiou-se com a beleza da jovem a sorrir para ele. Foram alguns minutos de olhares trocados e sorrisos de ambas as partes. A chamada

de uma voz feminina fez com que ela rapidamente se recolhesse. Zeca Paula sentiu que estava correspondido e inflou-se de entusiasmo pelo caminho. Havia nele, agora, mais do que a certeza da paixão retribuída, e sim o sentimento do amor que enfim desabrochara nos dois corações.

Naquela noite, Zeca Paula não conseguiu dormir, tão intensa era a manifestação da paixão que sentia, em forma de risos, de cantorias e de lágrimas, até. Imaginava-se a pedir a mão da moça ao pai, de ter seu pedido aceito e, ao regressar de Sorocaba, casar-se e levá-la consigo para morar na fazenda de Itapetininga. A vida em família, o dia a dia do casal, os filhos e as alegrias todas faziam parte do imaginário de Zeca Paula desde a manhã até a noite, todos os dias.

No dia anterior àquele programado para a tropa seguir viagem, Zeca Paula pediu aos companheiros de comitiva que seguissem sem ele. Disse a eles que ficaria para resolver questões particulares. Isso feito, agora investiria em conhecer melhor a pretendida e depois falar ao pai da moça sobre as suas intenções. Assim, enfim, faria o pedido.

Na manhã em que a tropa partiu, Zeca Paula foi conferir a condição dos animais e desejou sorte a todos os companheiros que seguiriam a São Paulo. Quando já haviam cruzado o rio e seguiam para a subida da Cascavel, ele chicoteou o lombo do cavalo, meteu as esporas na barriga do bicho e retornou célere rumo à Igreja Matriz. Não exatamente à igreja, mas para a frente da casa da moça pela qual estava enamorado. No pensamento, a imagem sorridente da jovem, seus desejos pelo matrimônio e uma união para toda a vida. O final feliz frequentava as mais puras intenções do tropeiro.

Pés firmes nos estribos, Zeca Paula puxou as rédeas e freou o cavalo quase embaixo da janela onde ela já o esperava, a sorrir. Sentiu o suor frio, as mãos trêmulas e um coração saltando desesperadamente dentro do peito. Tirou o chapéu da cabeça e apertou-o contra o peito. Puxou o fôlego e, pleno de si, apresentou-se:

— Sou José de Paula e Silva, seu criado! Sou conhecido como Zeca Paula! Venho com minha tropa do Viamão e sigo viagem à feira de Sorocaba. Tenho uma fazenda...

Interrompido de súbito, viu que uma rápida e grande mão puxou a moça pelo ombro. Postou-se à janela a figura irritada de um pai com seu imenso bigode e grossas costeletas que desciam pelas bochechas gordas e chegavam aos cantos da boca. Um olhar em brasa mirou bem dentro dos olhos de Zeca Paula e uma boca aberta em fúria disparou impropérios contra o rapaz:

— Minha filha não é moça para sua laia, tropeiro! Desapareça daqui imediatamente e nunca mais ouse incomodá-la novamente!

— Mas eu quero apresentar-me a ela e a vossa mercê.

— Já lhe avisei. É melhor que o tropeiro não insista, ou...

— Mas eu sou homem de bem, temente a Deus...

A voz, já antes nervosa, agora ribombou:

— Aqui não é seu lugar. Pelo amor do bom Deus, suma daqui!

E o homem sumiu por detrás das cortinas da casa, deixando Zeca Paula com palavras por dizer, penduradas na ponta da língua.

Desapontado e desorientado, buscou abrigo na casa dos amigos do pai. Entrou tão acabrunhado e desolado que foi percebido de pronto pelos anfitriões. O homem primeiro e a mulher depois tentaram falar com ele, mas Zeca Paula não tinha ouvidos para ninguém. Prostrado sobre a cama, tentava entender o que havia acontecido. Decidiu que no dia seguinte voltaria à casa da moça, contaria quem exatamente era e explicaria ao pai dela o que estava acontecendo. Assim fez.

Logo nas primeiras horas da manhã, anunciou-se em frente ao portão com vigorosas palmas. Da janela, o pai da moça não disfarçou a irritação ao vislumbrar o tropeiro em renovado e teimoso assédio. Não consentiria, naquele estado colérico propiciado pela visão do tropeiro novamente em frente à sua casa, de maneira alguma sua filha unir-se a um fulano qualquer. Nem em pensamentos. Havia criado a filha para se casar com um homem de posses, a quem o dote fosse mera formalidade e

que a desposasse dando a segurança de ofertá-la um lar com todo o conforto que ela merecia. Não era destinada a um reles tropeiro, pensou o pai, definitivamente, antes de apanhar a espingarda no quarto do casal. Voltou à janela, puxou o cão da arma, dedo no gatilho e apontou o cano em direção ao cavaleiro. Espalmando as mãos, Zeca Paula pediu, por misericórdia, que o homem não puxasse o gatilho e que o deixasse, ao menos, apresentar-se e falar sobre suas reais intenções em relação à filha.

— *Dou-lhe apenas um segundo para que desapareça daqui. E nunca mais daqui para diante apareça em frente a esta casa!*

No dia seguinte, o corpo de Zeca Paula não pôde ser sepultado no cemitério aos fundos da capela do Senhor Bom Jesus. O padre não consentiu que fosse enterrado ali. Filho do rico Barão do Ibicuí, Zeca Paula jazia em uma cova rasa, cavada às pressas, circundada com pedras roladas, catadas a esmo por alguma alma comovida, fora dos muros do campo santo. Foi ali mesmo que, dias depois, o pai, ainda fortemente abalado pelo trágico acontecimento, mandou erigir um túmulo para o filho, em pedra e cal, cercado com um gradil de ferro. Também mandou instalar uma grande lápide de mármore branco, na qual estava entalhada a inscrição: "Aqui jaz José de Paula e Silva. Filho do Barão do Ibicuí. Nasceu em 2 de abril de 1835. Faleceu a 7 de março de 1873".

Zeca Paula não ultrapassou os limites da ousadia de desafiar o homem armado. Não era insano e sabia que, imóvel, a curta distância, seria um alvo fácil de ser acertado. Apaixonado, transtornado e vivo, apesar do orgulho macerado pelas duras palavras do pai da moça, bateu em retirada da frente da casa de sua amada, já matutando quando e como voltaria para encontrá-la.

Abrigado no quarto em que se hospedava na casa dos anfitriões, porém, cercou seus pensamentos de prudência e já hesitava em voltar lá. Resolveu aguardar algum sinal que viesse do outro lado, enquanto alimentava a esperança de ser convocado

para conversar com o pai da moça, convencido pelo amor verdadeiro que ele sentia e imaginava que ela também. Em vão, pois, passados alguns dias, nada aconteceu.
Sem mais resistências, enfim, decidiu fazer a derradeira investida. Voltaria à casa da moça pela qual estava apaixonado, ocorresse o que ocorresse. Por certo, a partir daí não haveria prudência ou cuidado algum que o mantivessem trancado no quarto e longe da moça a quem dedicou todos os seus pensamentos nesses dias de clausura obsequiosa.
Logo que o dia amanheceu, antes mesmo que os primeiros raios de sol acertassem a torre da igreja, desmontado em suas emoções, transparecendo toda a angústia pela falta de notícias de sua amada, Zeca Paula, mais uma vez, fez-se anunciar com palmas em frente a casa. Um rosto velho de mulher negra surgiu na janela. Olhando para ele sem esconder compaixão, a negra, passivamente, contou que a moça havia sido levada pelo pai, já há quatro dias, para um sítio distante, cuja localização não podia precisar. Ainda, que o homem demonstrava seguidamente, com todas as letras e palavras, arrependimento por não ter dado cabo à vida do tropeiro quando lhe apontou a espingarda. Pediu que Zeca Paula tomasse cuidados, visto que seu senhor não titubearia, em uma segunda oportunidade, em acabar com ele. Bastaram menos de cinco minutos de fala da velha mucama para que todas as expectativas positivas de Zeca Paula sucumbissem ali mesmo. Prostrado, pensou que se morrer por sua amada fosse necessário, morreria.
Já no final da tarde, imaginando que o jovem mantivesse a solidão e o silêncio no abrigo do quarto, o anfitrião de Zeca Paula deparou-se com o corpo do hóspede dependurado pelo pescoço em uma corda amarrada a um galho da velha figueira no fundo do quintal. Em um gesto desesperado e extremo, o rico fazendeiro de Itapetininga, filho de um barão, deu fim à própria vida em nome do amor que sentia por uma moça cujo pai proibira o romance entre eles.

Por se tratar de um suicida, o pároco não concedeu autorização para o sepultamento do corpo no cemitério da cidade. No entanto, do lado de fora dos muros o túmulo caiado e a lápide de mármore entalhado ficaram como registro da história de um homem que deu cabo à própria vida porque estava repleto de paixão.

TIBÚRCIO

— Chegaram bem cedinho aqui os polícia antes de o sol levantar já foram apeando da viatura com cara de coisa ruim dois com revólver na mão outro perguntando quem era o negro que havia brigado no bar que era ele que eles iam levar pra delegacia porque preto que se mete a valente tem que ir pra trás das grades sem dó nem piedade e o melhor castigo ainda é pouco pra quem mata um homem da lei que matar não adianta que o bom é que pague pelo que fez e pague caro com muitos anos apodrecendo numa cadeia fedorenta e imunda e pegando doença e passando fome e querendo morrer pra não viver naquele inferno que transforma gente em bicho que mata sem pena e morre de medo de ser morto e fica o tempo todo tentando escutar qualquer barulhinho que denuncie um matador chegando mais perto com vontade de matar e tem que se defender pra não ser pego de surpresa e passa os anos e passa décadas assim que nem uma coisa que ninguém sabe se é gente ou se é coisa mesmo que tá ali...

Todos os moradores do povoado quedaram-se em assombro quando os dois meninos que retornavam de uma caçada, cada qual com seu estilingue pendurado ao pescoço, trouxeram os três pequenos bonequinhos feitos de palha, gravetos, barro e barba-de-pau. Contaram aos circunstantes que os encontraram no meio do mato. Um dos bonecos tinha os olhos totalmente arregalados. Cravaram, de pronto, que aquele era para o policial que ficou louco depois que saiu em disparada do meio do matagal e nunca mais disse coisa com coisa. Os outros dois não tinham sinal de olhos. Eram, segundo os palpites, os dois que foram encontrados já mortos, três dias depois. Um deles perto do rio, na parte de baixo, longe. O outro a poucos passos da cerca da fazenda do coronel Ubaldino, do lado contrário. Os olhos foram comidos pelos bichos, segundo contava-se. Andaram os três sem rumo, em círculos, no meio do mato fechado.

Por onde passaram, foram indistintamente deixando vestígios. Gotas de sangue e fiapos das fardas enroscadas aos espinhos e às folhas pontiagudas dos arbustos. Afirmavam que chegava a dar pena ver o estado dos pobres coitados. Era isso o que o Tio José contava e recontava, e era assim que as pessoas repetiam. Palavra por palavra, algumas a mais ou algumas a menos, como é hábito arraigado entre o povo que fala dessas coisas e outras. Tantos anos depois de tudo, Tio José continuava enfático quando falava sobre os tais bonequinhos. Com extremada convicção afirmava que foram, sim, feitos para os três policiais. E ainda estavam lá, na parede da antiga casa do velho Genézio, estampadas as marcas dos tiros que Tio José mencionava como o motivo que apavorou todo mundo no dia em que a polícia chegou para tentar capturar Tibúrcio. Os impactos dos projéteis deram-se um pouco abaixo da janela do lado esquerdo e no meio da porta. O policial que atirou disse que pretendia alvejar o preto que estava homiziado dentro da casa. Mas todos juravam que não havia ninguém lá dentro. Todos que contam o acontecido falavam isso. Tio José faz questão de ir mais longe:

— *O debochado do policial falava rindo e olhando com ar de provocação pra gente que estava parada ali com cara de assustados e sem entender porque tanta raiva do Tibúrcio que eles demonstravam e não faziam questão nenhuma de disfarçar dizendo que iam pegar o negro a qualquer custo que iriam buscá-lo nem que fossem até o buraco do inferno pra fazer dele um exemplo e evitar que outros se pusessem contra quem quer proteger os cidadãos de bem que querem apenas viver em paz na cidade e não aturam arruaças de gente bêbada e briguenta que tira a paz e o sono das famílias fazendo de conta que ali não tinha famílias e que era tudo desordeiro e sem vergonha que só sabiam encher a cara de cachaça e fazer altercação incomodando os demais...*

Tibúrcio, que não nasceu ali, apareceu por aquelas bandas menino de tudo e foi logo adotado pelo velho Genézio, um viúvo sem filhos, era agora acusado de ter matado um policial

quando estava na cidade. Diziam que foi em um dia quando buscava mantimentos para a gente do povoado. Era isso o que afirmavam os policiais e não era o que diziam seus parentes e amigos. Tio José confirma que Tibúrcio não era chegado à bebida e muito menos em briga. Negro alto e forte, ninguém ousava dizer que tinha mais de 40 anos. Tinha bem mais. Não aparentava. Segundo contam, a pele lisa e brilhante e os cabelos negros escondiam-lhe a real idade. Diziam também que era de uma doçura tal que chegava a depor contra ele. Era gentil ao extremo e generoso demais em bondades para guardar para si qualquer traço de rancor ou demonstrar algum tipo de orgulho em qualquer situação que fosse. Tio José fala dele como quem fala de alguém familiar e, apesar de não terem nenhum grau de parentesco, mantiveram uma convivência estreita:

— *Homem nenhum no mundo vai chegar perto do que era o Tibúrcio que fazia de tudo pelos outros e nada esperava que viesse em troca porque tinha o coração maior do que as necessidades todas que se possa imaginar para alguém com seu olhar cativava e com sua fala desarmava os mais afoitos fazia rir ou chorar fácil como quem canta sozinho debaixo da garoa fina do final da tarde quente ou fala com os passarinhos logo de manhã e no final da tarde como ele fazia sempre e provocava risos de gente grande e gente miúda que via nele o homem que já foi homem porque já ficou acima de qualquer um que seja ou diga que é homem o Tibúrcio foi isso que dizem e ainda é pouco o que dizem porque muitos que falam não conheceram ele direito como eu conheci e convivi bem mais que todos porque ele era o irmão que não tinha nascido da mesma mãe nem do mesmo pai de todos os momentos alegres ou tristes de rir junto e também de chorar junto que tantas vezes choramos até porque não tinha graça viver do jeito que se vivia e já que nenhum de nós queria morrer porque ele dizia que não existia nada melhor do que estar vivo então era melhor chorar ou de fome ou de frio ou de sede ou falta de alegria e choramos sim e não é vergonha chorar pra homem*

nenhum e muito menos pro Tibúrcio que como eu disse era bem mais do que um homem...

Os olhos marejados, embora tentasse disfarçar, liberavam lágrimas em gotas que desciam pelo rosto de Tio José. Mãos trêmulas buscavam segurar o queixo que tremia e teimava amolecer, e, repentinamente, desabava, quase em um pranto lastimoso. Os sentimentos traíam o homem de coração calejado, empedernido, até. Ele tentava demonstrar força, mas não havia resistência suficiente contra a erupção de sentimentos que vinha do fundo da alma. Não desabou de vez em prantos, talvez, por sentir vergonha. Muita gente em volta mantinha atenta audiência ao que relatava. Então, esfregou os olhos com a palma esbranquiçada da mão direita e seguiu contando:

— *Um menino filho do Felisbino soltou inocente a informação que os policiais queriam saber e foi recriminado com olhares por todo mundo assim que os três se embrenharam no mato no caminho da roça de milho em busca do Tibúrcio saltei do banco tosco onde estava acomodado até então para ir atrás dos três ou tentar chegar antes ao Tibúrcio para avisar que a polícia estava à caça dele num pique só peguei o carreiro da sanga que era lá que ele ia sempre pra tomar banho naquela hora do começo da tarde quando estava mais quente fui sem nada nas mãos nem mesmo um facão e só pensei nisso quando já estava longe e achei demais de tarde voltar pra buscar segui correndo pela trilha até não escutar mais a gritaria que os três faziam no outro trecho já deviam estar quase perto da roça e corri mais rápido com o coração palpitando e rezando pra que Tibúrcio estivesse mesmo na sanga pra não encontrarem ele desprevenido e incapaz de defesa pensei chamar seu nome mas recolhi o grito quando pensei que poderiam ouvir e segui em silêncio só escutando o coração batendo cada vez mais acelerado e forte no peito sondei por cima do capim do alto do barranco e de pronto não vi movimento algum lá embaixo fiquei preocupado e aflito com o que supostamente estaria a acontecer pros lados da roça de milho...*

A geografia do lugar era tragicamente acidentada. A estrada passava cruzando o espigão. As casas estavam localizadas a alguns metros morro abaixo, construídas todas as oito em um platô com o tamanho aproximado de um campo de futebol. Do lado direito havia um paredão de pedras, intransponível. Do lado esquerdo estava a mata fechada e extensa de comprido, dependurada numa ribanceira íngreme. Correndo o olhar, um pouco mais abaixo, a mata continuava e havia outro platô, bem maior do que aquele onde estavam as casas. Nele ficava a roça. Ali se plantava milho, mandioca e feijão. Ao lado, uma capoeira escondia a trilha para a sanga, que estava lá no fim da descida, de um lado, e no começo do outro morro, que se erguia em ângulo tão desfavorável a qualquer intenção de escalada, no outro lado. Era o lugar escolhido pelos antecedentes fugidos da escravidão, um lugar difícil de ser encontrado e, pior ainda, de ser percorrido por capitães-do-mato e seus jagunços. A trilha para a sanga foi riscada por pés em um declive abrupto, cheio de curvas e pedras soltas, traiçoeiras. Tio José deve ter ignorado a possibilidade de uma queda ao sair em disparada morro abaixo para tentar encontrar Tibúrcio. Muito pior foi quando avançou morro acima, agora em direção à roça:

— *Subi por aquele morro como se fosse um cabrito novo com asas nos pés porque não me lembro de ter ficado cansado como ficava quando estava caminhando por ali de volta ao trabalho depois de ir beber água na sanga lá embaixo com a cabeça só pensando em evitar que a polícia encontrasse Tibúrcio e foi ao empurrar um galho com a mão para abrir passagem que dei de cara com ele acocorado do ladinho da trilha espreitando um lagarto que ameaçava buscar uma nesga de sol entre os arbustos ele queria pegar o bicho à unha depois de imobilizar ele com a forquilha despreocupado que estava com o que acontecia em volta e nem se assustou quando deu de cara comigo com a preocupação estampada no rosto achou graça e riu sem mesmo saber o que me deixava naquele estado só porque viu meus dois olhos escancarados e um*

peito arfante que nem locomotiva desembestada serra abaixo sem freio e quando ouvimos o barulho dos tiros que vinham de dentro do mato fez chacota da minha aflição e riu alto que tive que tampar a boca do infeliz com a mão com medo que os policiais escutassem a risada dele que era num volume tal que atravessava planta e pedra e qualquer coisa pela frente...
Os lagartos saem para o sol para se aquecer e a carne branca e saborosa era muito apreciada pelos moradores do povoado. A captura do réptil era uma arte de caça. Tibúrcio, contavam, era exímio no manejo da forquilha que imobilizava a cabeça do bicho e rápido para segurar o rabo, evitando o golpe, que é a arma de defesa que o animal dispõe. Dizem que manejava o facão ligeiro para, num golpe hábil, cortar a cabeça e assegurar a comida do almoço, do jantar e de outras refeições. Com as mesmas mãos, era o melhor de todos para quebrar as espigas de milho e também para debulhá-las, fazendo correr o polegar e o indicador em forma de anel, soltando os grãos diretamente para dentro dos balaios feitos de taquara. Ainda, batia o cambau nas vagens de feijão com uma destreza tal que somente ele era requisitado a fazer o serviço. Não cansava. Não reclamava. Não deixava uma só vagem com feijões dentro. Era o mais rápido para arrancar as mandiocas, com uma leveza que parecia não necessitar de força para fazê-las emergir do solo. Qualquer trabalho, de falquejar tabuinhas para fazer telhado a cavar poços, Tibúrcio não ficava atrás de ninguém. Com as mesmas mãos fortes, fazia os bonequinhos com palha, gravetos, barro e barba-de-pau, dando a cada um deles características de moradores do povoado. Já havia contado isso. E o Tio José prosseguiu:
— O Tibúrcio riu muito ainda de mim quando disse que não precisava ter preocupação com a polícia porque estava tudo já encomendado para os três que àquela altura já andavam zonzos e sem rumo no meio do mato que não iam encontrar nunca as pegadas dele e muito menos ele a encomenda foi feita logo que puseram os pés no mato porque era assim que

tinha combinado com as ordenanças do Pai Maior que ele dizia conversar e era assim que fez os vudus e que ia acontecer da mesma forma que faziam tudo o que diziam que pediram que identificasse quem mandava e quem obedecia e do jeito que atiravam o que foi feito logo que chegaram porque não demorou muito e já estavam gastando munição atirando a esmo para o lado em que acreditavam ter ouvido algum barulho pra lá seguiram pra entrar numa armadilha cheia de bugreiros e urtiga-braba e cipó-de-fogo foi ali que queimaram mãos e braços e começou o desespero dos três que não sabiam como andar no mato foram dando voltas e atirando a esmo para o lado de onde viesse o barulho e passando algumas vezes pelo mesmo lugar e queimando mais e rasgando as roupas e ficando em pânico quando a noite chegou que cada qual tomou um rumo diferente pra se perderem de vez na escuridão embaixo do mato que as árvores altas e fechadas não deixavam enxergar a lua ou as estrelas que brilhavam lá no alto do céu.

Diz Tio José que a munição dos policiais acabou antes do dia clarear e que eles já estavam condenados no momento em que o primeiro raio de sol furou a vegetação. Os que vieram em busca deles, mais de dez outros fardados, andaram bastante também, mas não sofreram tanto porque trouxeram junto um mateiro experiente e ainda levaram o Zulmiro, de lambuja, que conhecia cada árvore e cada pedra num alcance bem além de onde a sanga chegava ao riacho e de onde o riacho encontrava o rio. Mesmo assim, só no dia seguinte encontraram o sargento, ensandecido, falando coisas que ninguém conseguia entender e com os cabelos desgrenhados, uma caricatura da insanidade. E três dias depois encontraram os outros dois. Um foi achado ainda de manhã e o outro no fim da tarde, pouco antes do sol sumir por trás do paredão de pedras. Estava sem os olhos, talvez comidos por algum carcará ou outras aves de rapina. Fardas rasgadas, inteiramente machucados e completamente desfigurados. Somente quando o último carro da polí-

cia foi embora, quando o sol começava a tombar no horizonte, é que o Tibúrcio reapareceu. Trazia nas mãos três bonequinhos feitos de palha, gravetos, barro e barba-de-pau e foi conferir, com a ponta do dedo indicador, as marcas de balas na parede e na porta da casa do velho Genézio. Balbuciou alguma coisa que o Tio José diz ter entendido como: "Pela minha janela a morte não entra e a minha porta estará sempre fechada para ela". Então, Tibúrcio sentou-se na velha cadeira de palha ao lado da casa e conversou com os passarinhos, como fazia antes e sempre, bem cedinho e no final da tarde. Assim, voltou a arrancar risos de todos que estavam por perto. E eram muitos.

ANARQUISTAS

As copas dos pinheiros espiam o céu acima da bruma que se formou na madrugada. O verde do gramado foi coberto pelo branco da geada. Frio na manhã. O termômetro tremia perto de zero grau. No primeiro inverno para os italianos desde a chegada ao Brasil, o rigor da estação é sentido com alegria europeia, até então fustigados pelo calor sufocante do verão subtropical. Lampejos de lembranças da Itália, do ar gélido e da neve sobre Torricella. Ao menos nisso os dois lugares são parecidos, mesmo com a ausência da queda dos alvos flocos na terra brasileira. No mais, apesar das atribulações do dia a dia, melhor é estar perto da água, abundante e límpida, do verde permanente dos campos e florestas àquele incipiente e descorado que surgia aqui e acolá no solo seco e pedregoso do noroeste da Itália.

Achile e Caterina já viviam juntos debaixo do mesmo telhado há mais de cinco anos. Saíram da Itália com a esperança de conquistar no Brasil a felicidade de viver numa comunidade anarquista e ter ali o primeiro filho. Comungavam da ideologia. Conversavam muito sobre os preceitos anarquistas, trocavam impressões bem fundamentadas e mostravam-se bons discípulos de Giovanni Rossi, com quem mantinham contatos permanentes. Dele sentiam um apreço intenso, beirando ao paternal.

Naquele dia em que Caterina morreu, vítima de complicações do parto, Achile sentiu a intranquilidade de algo que misturava emoções variadas. Um vazio de incertezas e um preenchimento de amor. O bebê, saudável e robusto, não teria a mãe por perto. Mas havia algo que inquietava as entranhas e fazia o corpo do italiano reagir. Carregava há alguns meses o peso monolítico de uma dúvida que doía fundo, corrosiva. Um sentimento ao avesso do que sempre tivera por verdade. Uma mágoa ou, talvez, uma suspeita. Forte demais para que aguentasse isso, somado à perda da companheira, centro de suas angústias.

Achile mergulhou nas lembranças do passado e viu subindo a densa fumaça do *Piroscafo Orione* partindo do porto de Gênova. Era um dia pesado como chumbo. Era outono. Era outubro. Rápido pelo Mediterrâneo, logo o vapor chegou às águas do Atlântico e atingiu o Rio de Janeiro em novembro. Caterina admirando o mar que não tinha fim. Azul e verde revezavam-se, mexidos e adornados com espumas brancas. Um ar de esperanças jamais presenciado por aquele rosto de expressões suaves e traços sofridos. Uma vida sem confortos fora deixada ao longe, léguas e léguas à popa.

Em terras brasileiras, a aventura por estradas sacolejantes para o interior do Paraná. A chegada à colônia. Enfim, a Cecília. O entusiasmo insuspeito de Rossi recebendo um a um os novos companheiros. O apertado abraço dele e as ternas palavras de boas-vindas. Depois, as conversas com Rossi, os fundamentos teóricos do anarquismo. Fora um bom ouvinte e um bom debatedor. Questionara, com endosso de Caterina, muitas das ideias que ainda não lhe caíam a contento. Foram entendendo, aos poucos, os motivos da existência da colônia. Colaboraram em muitas das observações. Adotaram muitas das práticas anárquicas e mantiveram uma relação inquestionável de liberdade. Eram, agora e enfim, anarquistas!

Depois que Caterina morreu, Achile apagou dentro de si o fogo do entusiasmo. Tomado pelas obrigações com o bebê e a casa, nem mesmo a presença de Aldina, a mãe-de-leite da criança, fazia dele um homem menos circunspecto. Parecia estar em mutação para se sabe lá o quê. Para os amigos, distância. Para as conversas, silêncio. As várias tentativas de aproximação de Francesco foram rechaçadas com truculenta veemência.

O até então amigo mais próximo era o filho mais velho de Ernesto e Gemma. Companheiro de trabalho de Achile na lavoura de milho recém colhida, firmou com ele uma amizade selada na confiança mútua. Irmãos de pais distintos. Mesmo os mais de dez anos de diferença de idade não faziam deles pessoas com comportamentos e gênios diferentes. Pelo contrário. Corteses,

alegres e amistosos, conquistaram com isso o bem-querer de grande parte dos moradores da colônia. Até os mais rudes lhes deviam apreço e admiração, apesar de algumas reservas.
Achile e Francesco eram parceiros constantes pela colônia e também fora dela. Por onde passavam, havia um cumprimento aberto, um sorriso e a cantoria sempre entusiasmada: *"Su fratelli, su compagne,/ su, venite in fitta schiera:/ sulla libera bandiera/ splende il sol dell'avvenir...."* E assim eram tangidos para o trabalho e dele de retorno para casa. Um dia, em meio ao verde folhoso da lavoura de milho, capinando, chegando terra na base da planta, acompanhando o desenvolvimento das espigas. Outro dia no comando da abertura terrosa e lamacenta do poço, o para cima e para baixo de baldes e mais baldes que vinham cheios de terra e voltavam vazios, trabalhavam com afinco fazendo as escoras das paredes. Tudo para que não desabassem. Vez por outra assumiam a condução dos dois cavalos à frente da carroça para ir à cidade, levando o que sobrava do milho já colhido para vender. O dinheiro ganho com a venda tinha o destino certo do caixa comunal. Na volta, traziam para a colônia mantimentos e a correspondência.
Companheiros, Achile e Francesco tinham gostos comuns e preferências convergentes. Na casa do primeiro, as conversas molhadas de vinho e, invariavelmente, a participação professoral de Caterina. A mulher argumentava para os dois a fundamentação anarquista. Também enchiam o ar de palavras da ciência, da política, da literatura. Jornais italianos e argentinos que chegavam à colônia, mesmo com meses de atraso, tinham letra a letra devoradas e frases dissecadas em discussões que se enfiavam madrugada adentro. Francesco e Caterina nutriam uma insuspeita simpatia mútua que Achile não percebera até o dia em que ela morreu. Teve duas constatações: a primeira, que não era apenas simpatia, mas algo mais que estivera presente entre a mulher e o amigo; e a segunda, que cego pelo amor a ela e pela amizade a ele, nada percebera antes.

Em uma ocasião, numa explanação, Achile e Caterina ouviram de Rossi um discurso sobre o empecilho representado pela família na construção da sociedade anárquica. Concordaram com ele. Queriam, por convicção, colaborar para a afirmação do anarquismo e a consolidação da colônia. Quando Rossi falou sobre o conservadorismo e o egoísmo das mulheres, Caterina, rapidamente, tratou de mostrar, pelas palavras, que ela era diferente. Mais uma constatação: agora entendera o que ela dizia.

Recordou daquela noite em que fora nocauteado pelo cansaço de um dia inteiro de trabalho na lavoura de milho. O sabor seco do vinho. A discussão mais acalorada com o amigo e o último gole do tinto encorpado. Ainda ouvira um naco da conversa entre a mulher e Francesco, que tentavam conter risos entre dentes. Achile apagou.

Naquele dia em que Caterina anunciou a ele a possibilidade da gravidez, o que Achile sentiu foi a ausência de chão e um céu inteiro se abrindo para que chegasse até a maciez intocável das nuvens. Um horizonte cada vez maior. Era o que acreditava ser a felicidade em seu estado bruto. Dias depois, confirmada a gravidez, foram meses de alegria e de uma intensidade existencial nunca vivida. Ao lado de Caterina, era o mais alegre dos homens quem caminhava, quem olhava, quem acariciava o ventre da mulher... Havia, porém, um sentimento ambíguo, que ele não permitia que aflorasse. Caterina e Francesco, os dois, em pensamentos perturbadores. Não! Para ele, aquilo não seria possível.

O bebê veio num início de noite, na mistura com o dia que fora da chuva fina e fria da manhã ao calor cáustico do sol à tarde. Depois de todo o vai e vem de gente que ajudava no parto e de outros que faziam exercer a curiosidade, ouviu-se o choro estridente. Um sorriso em Achile. Uma voz contorcida, no entanto, anunciou que a mulher passava mal. O peito batia descompassado, em absoluta apreensão. Olhos escancarados e boca seca. Respiração desencontrada. Passos que vão e vêm. Falas

que cruzam o ar e perdem o caminho dos ouvidos. Agonia. Caterina não resistira às dificuldades do parto. A morte chegou ali. Naquele dia em que o bebê acordou e Achile não estava atento ao lado do berço tosco, o choro do pequenino agigantou-se pela colônia. Pés rápidos ganharam a direção da casa do viúvo. Uma porta rangeu nervosa. Aberta, mostrava aos que chegavam o último local onde os pés de Achile pisaram antes que o corpo ficasse suspenso pela corda amarrada em uma viga da estrutura do telhado e, na outra ponta, um laço em torno do pescoço do italiano. Um pequeno e carcomido banco de madeira tombado quase ao lado da mesa. O mesmo banco pequeno e carcomido no qual ele sentava quando das noitadas de longas discussões com Caterina e Francesco, regadas a vinho. No chão, ainda em pé, uma garrafa vazia com a zurrapa formando um laço perfeito em seu fundo. Em poucos dias, pela segunda vez a morte passou por aquela casa e levou alguém.

CASTURINO

Sentado de forma elegante sobre a cadeira velha e surrada, tecido escuro e rasgado em vários pontos da costura, no gabinete do delegado na Delegacia de Polícia de Tibagi, Casturino tem tiques involuntários bastante peculiares. Um homem desses — peão de fazenda, trabalhador incansável, segundo relataram o patrão e os companheiros de trabalho, afável e cordial, de acordo com todos os oito depoentes — está absolutamente fora dos padrões preestabelecidos para a classe. Veste-se buscando uma elegância imaginária, com roupas comuns, porém limpas e bem passadas. Até a botina aparenta ser nova, embora usada muitas vezes nas atividades diárias da fazenda. Preso em flagrante, minutos depois de cometer o crime, estático no mesmo local, com olhar fixo para o corpo inerte da vítima. Decorridos quatro dias da prisão, começara a contar a sua versão para os fatos e sequer exibia qualquer traço de emoção a escapar entre as primeiras palavras, gestos ou olhares. Foi formalmente decidido.

— *Precisava fazer e fiz e não tenho porque me arrepender do que está feito! Primeiro, no entanto, tenho que falar de algumas coisas que talvez sejam importantes. Se tiver a sua permissão, doutor delegado!*

Olhava nos olhos, de frente, sem titubear, e as palavras saíam de sua boca de forma bem articulada, enchendo o acanhado gabinete com inúmeras causas e circunstâncias do caso que abalou a fazenda de Geraldo Matias. Toda a peonada, a partir do fato, estava a formular hipóteses das mais diversas para o que Casturino havia perpetuado. A intimidade do crime, porém, pertencia somente a ele. E era isso que pretendia revelar naquele depoimento, fundamental para o entendimento e a elucidação do caso.

— *Desconfio que ninguém vai conseguir entender, só eu. Mais ninguém sabe por que fiz e não tenho motivos para ficar la-*

mentando ou questionando nem a mim nem a nada, pois já aconteceu e ponto final!

O homem fazia gestos estreitos, quase ensaiados, e os tiques chamavam mais a atenção do que qualquer outra coisa. Era um piscar conjunto de olhos e um movimento rápido da cabeça para o lado direito seguido de dois movimentos para cima e para baixo. Por isso ganhou da peonada da fazenda o apelido de "Motor de arranque". Jamais se incomodou de assim ser chamado. Segurava o copo de água com uma elegância quase nobre, apesar das mãos calejadas, ressaltando o contrassenso de sua condição. Sentava-se ereto, postura digna de pessoa bem-educada. Surpreendia em quase tudo o Casturino, o peão que chegou à fazenda havia seis anos e que ganhara o respeito de todos, bem como uma preventiva distância devido à sua incompreensível formalidade. O trabalho de sol a sol, de segunda-feira a sábado, eventualmente aos domingos, em períodos de plantio e colheita, principalmente, nunca lhe tirara o sorriso do rosto. Eram oito confirmações sobre o seu comportamento cotidiano que não deixavam qualquer vestígio de dúvida para o inquérito.

— *Trabalho, e trabalho muito porque tenho prazer na lida e sei o quanto agrada aos outros um homem que preza o trabalho e faz bem feito o que a ele cabe fazer. Faltar no trabalho nesses seis anos na fazenda do "seo" Geraldo só mesmo um dia, quando não tinha pernas nem para sair da cama. Foi uma danada de uma gripe que me derrubou daquele jeito. Mas fiquei bom ligeirinho e no dia seguinte já voltei para o batente. Graças a Deus!*

Agora, falava bastante sobre ele mesmo e o que dizia somente confirmava o teor dos depoimentos. Um homem religioso e sereno, apesar dos pouco mais de 30 anos de idade, seguro na possibilidade de suas finanças. Sempre fazia questão de agradecer a Deus por tudo o que acontecia, mesmo que não fosse bom ou positivo em seu favor. Não fazia dívidas que não podia pagar e nem prometia aquilo que sabia não ter condições de cumprir. Ninguém duvidava de suas palavras e mesmo a con-

versa com os mais chegados era absolutamente formal. Isto fazia dele um peão deslocado, porém respeitado. Definitivamente, não tinha perfil para ser o que era agora: um assassino. Tudo o que disseram os depoentes estava sendo confirmado pelo próprio Casturino.

— *Respeite o meu modo e o meu jeito de ser que ganha o meu respeito também. Pela graça de Deus sou assim! Não admito que interfiram na minha vida, que é problema meu, como também não interfiro na vida dos outros, que é problema de cada um. Por isso não gostei nada quando aquele Duarte começou a insinuar que a Aparecida podia ter um caso com o Miguel. Isso eu não admito. É falta de respeito e um homem de bem não faz coisa assim.*

Duarte era o capataz da fazenda. Um tipo rude, mas que tinha jeito para tratar com a peonada e conduzia o trabalho no ritmo que o Geraldo Matias gostava. Trabalhava com ele há mais de 20 anos, desde moço. Foi na fazenda que o Duarte conheceu a mulher, Giselda, filha do Manoel Gomes, um dos mais antigos empregados e que já morava ali antes mesmo do Geraldo Matias comprar a propriedade. O casal teve três filhos e a mulher morreu no parto do último, há pouco mais de 12 anos. Depois da morte da mulher, passou a ir muito à cidade, até o dia em que se envolveu numa briga em uma boate e foi jurado de morte por um homem que era conhecido pela sua valentia, o Barbosão. Isso aconteceu há uns quatro meses e, daí em diante, ficou só na fazenda. Não saía além da porteira e estava mais fechado em si a cada dia. Até mesmo o patrão percebera a mudança de comportamento do capataz.

Casturino não aparentava remorso e falava pausadamente, sequer alterando o tom da voz. Foi detalhando os fatos aos poucos, tecendo uma trama que só aguçava ainda mais a curiosidade dos poucos ouvintes ali no gabinete do delegado.

— *Ele me disse que a Aparecida andava se encontrando com o Miguel às escondidas. Passei a prestar mais atenção nela. Eu tinha certeza que o Miguel não era homem para essas*

coisas. Quase todo dia, quando voltava do trabalho, lá vinha aquele Duarte para o meu lado falar das suas suspeitas sobre a Aparecida e o Miguel. Cada dia uma história nova, diferente. Falava com voz baixa, quase cochichando para mim. Acredito que pretendia que os outros não escutassem. Nunca gostei daquele Duarte e até reparei que ele andava esticando o olho para a Aparecida. Sujeito indecente! Mas ele era o capataz, meu superior, e eu tinha que manter respeito por ele.

Miguel era um empregado de dentro da casa do Geraldo Matias. Fazia serviços gerais como pequenos consertos, cortava a lenha, cuidava das flores do jardim de dona Eulália e da horta, trazia o leite para a cozinha, enfim, era o que se chama de "pau pra toda obra". Cordial, tinha amizade com todos, embora muitos dos peões fizessem menção a uma certa afetação no jeito de andar e falar do homem, já pela casa dos 40 anos e ainda solteiro.

— O Miguel sempre foi respeitoso comigo e com a minha mulher. Quanto a essas coisas que falavam dele, não sei. Só sei que homem que trabalha com gosto merece respeito, pelo menos da minha parte. O que ele faz quando não está trabalhando é problema dele. Se fosse para ter curiosidade sobre a vida de todo mundo, não teria tempo para trabalhar. Não é mesmo?

O peão provocava uma certa admiração pela sua segurança no falar. Não deixava passar nenhum detalhe e a elegância das palavras, com respeito aos plurais e às concordâncias, causava espanto em quem ficava sabendo tratar-se de um empregado de fazenda. Quando pediu permissão para acender um cigarro, isso virou detalhe. A anuência dada pelo delegado fez com que puxasse do bolso da camisa uma carteira de cigarros e do bolso frontal da calça um isqueiro. Admirava nele até mesmo a postura para acender o cigarro e fumar.

— Fiquei cismado um dia, quando ele afirmou que a Aparecida e o Miguel marcaram encontro para a manhã do dia seguinte no paiol da casa do patrão. Saí de casa dizendo que ia

pra lida, mas no meio do caminho, de propósito, inventei a desculpa de ter esquecido de tomar o remédio e voltei para casa. A Aparecida já havia saído e fui, então, até o local que o tal Duarte jurava ser o ponto de encontro dela com o Miguel, pedindo a Deus que aquilo tudo não estivesse acontecendo.

Criava um silencioso suspense no gabinete a maneira como Casturino conduzia a sua fala. Era possível até ouvir a respiração do escrivão e do policial que fazia a guarda da porta. A fumaça do cigarro subia lenta e havia uma expectativa agora exagerada para que o peão chegasse ao fim da sua versão sobre o caso. Questionado, limitou-se a sorrir com o canto dos lábios e fez um sinal com a mão direita, pedindo calma. Precisava contar os meandros do fato, no que parecia estar cronicamente decidido.

— *Quando cheguei perto do paiol, vi a Aparecida saindo lá de dentro. Pouco depois saiu o Miguel. Os dois estiveram juntos lá dentro. Como nenhum deles carregava alguma coisa, imaginei que aquele Duarte podia ter razão. Fiquei matutando. Pensei naquilo o dia todo, durante todo o trabalho. Na volta, veio novamente aquele Duarte dizendo que Aparecida e Miguel estavam tendo um caso e que era melhor eu ficar de olho neles. Não falei nada. Fui direto para casa e logo perguntei para ela se o dia havia sido muito trabalhoso. Ela confirmou que sim e nada mais disse. Daí, perguntei se ela tinha alguma coisa para me contar e ela disse que não. Fiquei encafifado porque ela estava evitando olhar direto nos meus olhos. Pensei comigo que alguma coisa não estava certa naquilo tudo.*

Três dos depoentes confirmaram que naquele dia o Duarte cochichou alguma coisa para o Casturino e lhe entregou um objeto embrulhado em um pedaço de pano escuro. Disseram, ainda, que ele ficou nervoso, mas que escondeu o embrulho por debaixo da jaqueta e seguiu firme em direção à sua casa. Todos os depoentes contaram que a partir daquilo o Duarte ficou eufórico e ria à toa por onde ia.

— *Pois era o revólver dele que estava embrulhado e aquele lá me entregou. Disse no meu ouvido que eu devia acabar com*

o safado do Miguel e mostrar que mulher dos outros merece respeito. Fiquei nervoso de pegar a arma, pois a coisa atenta mesmo o juízo do homem. Juro que nunca fiz mal para ninguém, mas o que estava acontecendo não podia ficar daquele jeito. Então, pedi a Deus que iluminasse os meus atos e fui para casa.

Ocorreu uma ligeira alteração na feição do Casturino quando começou a contar o desfecho do caso. A voz ficou mais baixa e as palavras começaram a ser ditas de forma mais lenta. Mesmo assim, não perdeu a compostura e mantinha a posição ereta. Foi uma puxada prolongada de ar que pareceu encorajar o homem a contar de vez o que realmente o havia motivado a praticar o crime na fazenda do Geraldo Matias. Deu a derradeira tragada no cigarro, que foi apagado no cinzeiro em cima da escrivaninha do delegado, e prosseguiu:

— *Cheguei em casa e chamei a Aparecida para a sala. Insisti com ela que havia alguma coisa estranha e ela negou. Foi aí que puxei o revólver e disse que já sabia o que estava acontecendo e que era melhor ela me contar. Ela começou a chorar e pedia "pelo amor de Deus" que eu não fizesse nenhuma bobagem. Disse a ela que falasse a verdade, então. Aí ela falou. Disse que sentia tristeza em ser a única mulher casada na fazenda que não tinha filhos e que seu sonho era ter algumas crianças alegrando a casa. Falou que se sentia sozinha em casa quase o dia todo e que gostaria de ter mais atenção da minha parte. Implorou que eu tivesse compreensão, já se desmanchando em choro.*

O homem engoliu em seco e os olhos dele estavam agora marejados. Abaixou a cabeça, tentando esconder a emoção que os olhos revelavam. Perguntado se gostaria de beber um copo de água, fez sinal de negativo com a mão direita. Ergueu a cabeça, positivamente decidido.

— *No fundo, desde o acidente que sofri, eu já sentia a distância que havia entre mim e ela. Um homem que não agrada a mulher no amor, que não presta na cama, vira meio-homem.*

Quando comecei a me sentir assim, fui dando mais atenção para outras coisas, como roupas limpas e alinhadas, botina lustrosa, leitura de livros e consertinhos aqui e ali. Até com colegas a amizade foi esfriando e quando cheguei à fazenda do "seo" Geraldo adotei esse comportamento que tenho hoje. A Aparecida, com sete anos de casada, já chegando perto dos 30, merecia um filho e eu não podia fazer nada. Sem condição para procriar, incapaz, improdutivo...

Foi aí que Casturino desabou, perdeu a postura ereta e vergou-se sob o peso de uma vergonha interior que manteve convenientemente oculta nos últimos seis anos. Precisou cometer um crime para que o seu segredo mais íntimo viesse à tona, na forma de um desabafo entrecortado pela vergonha e pela tristeza de ter decepcionado a mulher que jurava ter amado e que, agora, como imaginava, já não estaria mais ao seu lado.

— Fiquei arrasado com o que ela disse. Então, pedi que chamasse o Miguel lá em casa. Ela disse que ele nada tinha a ver com aquilo. Aí, fui até a casa do vizinho e pedi ao menino que fosse falar ao Miguel que eu precisava ter com ele. Lá dentro da casa, a Aparecida chorava e rezava, pensando na desgraça maior que eu poderia cometer. Pedi que ela confiasse em Deus e que mantivesse a serenidade. Sentei na varanda e não demorou muito para que o pobre coitado aparecesse. Pedi que sentasse na cadeira ao lado e logo perguntei a ele o que sentia pela Aparecida. Vi que o homem engasgou e questionou o motivo da pergunta. Insisti e ele disse que sentia afeto por ela por causa do convívio que tinham na casa do patrão. Perguntei se ele a achava bonita e ele confirmou que sim, emendando que era uma mulher encantadora e meiga, tanto que os homens olhavam para ela de uma forma interessada e ele não gostava disso, principalmente quando aquele Duarte fazia isso.

Foi num impulso que Casturino retomou a postura ereta e encheu os pulmões. Olhou de frente, direto nos olhos, como quem está decidido a fazer valer aquilo que pensa. Então, com

a mesma voz segura do início do depoimento, foi para a parte final do caso.

— *Convidei o Miguel para entrar em casa e chamei a Aparecida. Disse a ele que como eu nunca poderia dar um filho a ela e que ele era um homem bom, honrado e trabalhador, que gostava dela também, deveriam ficar juntos e tentar a felicidade de uma criança para preencher o vazio de anos que ela carregava com tristeza. Ela tentou falar alguma coisa, mas eu não permiti. Fui até uma gaveta da cômoda, no quarto, e peguei umas economias pessoais que tinha, guardadas dentro de uma caixa de madeira, e coloquei o dinheiro na mão dele. Pedi que ele apanhasse as suas economias também e que o dinheiro seria suficiente para viverem bem em um lugar longe de gente como aquele Duarte e outros. Falei que não ficaria mais ali na fazenda de "seo" Geraldo e que Deus iria entender nosso gesto e proteger nossos passos. Falei para ela pegar algumas roupas e as coisas que mais gostava e que partissem logo. Ela insistiu, mas acabou entendendo que não era um pedido que eu fazia, mas sim uma ordem que eu dava.*

Os peões que depuseram confirmaram que viram o Miguel saindo da casa onde morava carregando uma bolsa de couro. Disseram que tinha pressa e que foi em direção à casa do Casturino. Depois disso, ninguém mais teria visto o homem na fazenda. Um dos depoentes contou que a filha vira o Miguel e a Aparecida caminhando rapidamente pela estrada, em direção à cidade, já quando a noite se fazia presente.

— *Dei bem quase meia hora depois que os dois partiram e puxei o gatilho do revólver, apontado para o alto. Sei que o tiro foi ouvido por todo mundo na fazenda, pois já era noite e o silêncio imperava. Daí, pedi a benção de Deus e segui direto para a casa daquele Duarte. Quando chamei por ele, o homem logo apareceu na porta, exibindo um sorriso imbecil na cara e, de pronto, perguntou se eu havia matado o safado. Fiquei quieto e ele disse que era melhor eu fugir porque seria preso. Ele estava eufórico e repetiu que era melhor eu fugir para bem*

longe e sozinho porque a polícia poderia matar quem mais estivesse junto comigo. Disse, também, que não era para eu voltar mais ali e nem me preocupar com a Aparecida, porque ele trataria de cuidar dela.

Todos os que depuseram no inquérito afirmaram que Duarte havia mencionado ou insinuado, pelo menos uma vez, que cobiçava a mulher de Casturino. Para o delegado, mostrava-se nítida a atração do capataz pela mulher do empregado, bem como a repulsa que o comportamento dele causava nos demais peões.

— *Aquele sorriso cínico bastou para que eu pegasse o revólver debaixo da jaqueta. Ele esticou a mão, pensando que eu estaria lhe devolvendo a arma. Mas não. Apontei o cano para a cara daquele desgraçado e puxei o gatilho. Acertei na boca suja do safado para nunca mais falar mal dos outros.*

Casturino parou de falar e fixou o olhar em algum ponto no alto, buscando ver o que não estava ali. Os olhos do homem voltaram a ficar marejados. Sobre o que pensava? O crime, a mulher... Mergulhou em um silêncio de minutos, quando ninguém dentro do gabinete falou, quebrado pelo derradeiro trecho de seu depoimento:

— *Só peço a Deus que tenha compaixão de mim, conceda misericórdia à minha alma e que cuide bem da Aparecida, onde quer que ela esteja. E permita que ela tenha o filho que sempre quis e eu não pude dar.*

Um silêncio, absoluto e paralisante, tomou conta do ambiente. Nem mesmo olhares perderam sua concentração onde estavam postados no momento em que o depoente pronunciou as últimas palavras. E ele, após um leve pigarro, mais para chamar a atenção dos presentes, finalizou:

— *Só isso, doutor!*

Casturino nada mais disse nem respondeu o que lhe foi perguntado. Era como se cumprisse um voto de silêncio eterno, não quebrado durante todos os anos que passou preso.

ELA

Foi em um final de tarde de temperatura amena, quando o vento soprou forte, que chegou ao fim a história. O vendaval carregou, levou sem destino pelo ar dos campos vastos, pelo meio das florestas e sobre as águas sem fim de rios e mares a poeira que jazia no degrau da porta do velho abrigo feito de toras de madeira e coberto com placas de lava vulcânica, praticamente arruinado pelo tempo hostil. Foram os últimos vestígios deixados por alguém sobre o território ocupado há anos por aquele povo. Ocupado que fora pelos pais, avôs, bisavôs...

Houve um tempo em que gerações numerosas desse povo habitaram a campina que se estendia sobre o vale em uma das margens do rio. Leito pedregoso cortado por águas frias e cristalinas. Os seixos absolutamente redondos confirmavam a antiguidade do rio, tão antigo quanto a história do povo, que era contada em nuances de pai para filho, de pai para filho, de pai para filho...

Com o passar dos anos, décadas, séculos, perdeu-se no tempo o começo de tudo e antepassados foram esquecidos. Mesmo assim, o povo mantinha-se a viver, muitas vezes com desenvolta teimosia, dos parcos recursos que dispunha. Foram tempos difíceis, de muito frio ou de muito calor. Folhas secas e água pouca. Porém, não se dobravam diante as agruras e não cediam, nem mesmo se abatidos pela fome e pela sede. Sempre haveria um porvir. E a profecia milenar que ditava dias melhores cumpria-se sempre, sempre, sempre...

Ele e Ela souberam da história do povo por meio dos avôs e dos pais. Tinham claras as imagens formadas com os muitos dias em que se dispunham os anciãos a contar para os mais novos dos clãs sobre os fatos e seus protagonistas. Os dias de luta e os dias de glória do povo. As batalhas e as vitórias. As comemorações e também os desalentos, principalmen-

te quando da partida de homens e mulheres que já haviam cumprido sua missão. Morria-se quando velho, sem deixar tarefas a cumprir. Morria-se, enfim, quando era chegado o momento de morrer. Pais nunca tiveram que prantear a morte de filhos. A estes é que cabia a tarefa de destinar os espíritos gloriosos dos pais, das mulheres e maridos ao nirvana. Era quando ardiam piras mortuárias de um fogo tão misterioso quanto a passagem a ser feita. E a chama cintilante e mística das piras ardia a cada morte, mais intensa, mais brilhante, mais sagrada...

Foi com a tradição oral do povo que Ele e Ela ouviram falar de costumes, de lendas, de rituais, de tudo, enfim. Também foi assim que aprenderam a entoar os cantos sagrados e os profanos. Mas foi quando morreram os pais que confeccionaram, conforme destinado a cada um, ao grau de sua missão e a elevação de seus feitos, os próprios adereços sagrados para os rituais fúnebres. Fizeram primeiro para os pais e depois para as mães. Participaram dos rituais realizados pelo outro. Primeiro para o pai de Ele, depois para o pai de Ela, depois para a mãe de Ele e depois para...

No primeiro funeral, para o pai de Ele, coube a Ela, como o ser adulto mais novo a participar da cerimônia, colocar-lhe a máscara que representa o condutor do carro de fogo que leva o espírito ao reino luminoso. Ele fez o acendimento da tocha, na chama que se elevou de um punhado de relva ressecada provocada pelas faíscas que se originaram do esforço ao atritar dois pedaços de madeira seca. Mas o que lhe deu mais trabalho foi fazer a pira sobre a qual se deitava o morto, pois o tempo chuvoso deixava úmidos os galhos caídos e os troncos de árvores mortas, único combustível permitido para se fazer arder a pira e de onde um ente divino arrebataria o espírito para entregá-lo no portal do reino luminoso. O sucesso da passagem só estaria completo se o espírito portasse os adornos certos, pequenas pedras cuneiformes com inscrições de recomendações feitas pelos filhos

quanto a honorabilidade e os grandes feitos cometidos por aquela alma em sua vida terrena. Cabia ao filho ou filha de mais idade entoar os mantras funerários ensinados pelos grandes protetores do reino luminoso aos primeiros anciãos do povo, cujos sons sibilantes despertavam os guardiões do portal para que descerrassem as portas e permitissem a entrada do espírito. A fim de que os cantos chegassem aos ouvidos dos guardiões, era imposto que fossem entoados sem pausas por minutos, por horas, por dias...

Assim cumpriu-se a tradição com Ele e com Ela, até que o funeral de sua mãe foi o último, pois agora, de todo um povo, só restavam os dois. Os dois e as velhas casas de troncos cobertas com placas de lava vulcânica, tão resistentes ao tempo que já se perdera na longínqua distância o registro de suas construções. Ele e Ela, agora os únicos habitantes da campina que se estendia sobre o vale em uma das margens do rio, recolheram os restos dos materiais e símbolos usados no funeral em uma das casas que escolheram para ser sua morada. Conviveriam sob aquele abrigo, a partir de então, conforme propuseram um ao outro, por dias, meses, anos, décadas...

A Ele cabia cuidar da pequena plantação de trigo e dos poucos carneiros que restaram dos antigos rebanhos sem fim, mas suficientes para abastecê-los enquanto fosse preciso. Tosquiava os animais, além de abastecer com água do rio os tonéis. A Ela cabia cuidar dos afazeres culinários, acionava o moinho quando necessário fazer farinha, fiava à roca e tecia as vestes de ambos, conduzia o companheiro nos passeios ao final das tardes quentes e propunha os jogos mnemônicos quando o frio cortante não os permitia deixar o abrigo, então aquecido pelo calor de algumas achas ardentes na improvisada lareira. Falavam pouco. O assunto escasso permitia que desfrutassem do silêncio, às vezes quebrado pelo silvo do vento mais forte ou pelo balido de algum dos animais que pastava mais próximo do abrigo, em cujo hermético interior

não se ouvia o ruído dos seixos rolando sob as águas do rio nem mesmo o ribombar dos trovões a anunciar tormentas. Em meio ao silêncio, os dias acabavam-se um após o outro sob o rigor da lei natural que rege a passagem lenta de segundos, minutos, horas...

Ele e Ela já haviam avançado bastante na idade e, como os dois últimos representantes do povo, cuidavam de guardar no oco de imensos troncos, cuidadosamente cortados e esculpidos pelos ancestrais para serem lacrados por tempo indefinido, tornados arcas, todo e qualquer objeto que remetesse à memória do lugar e do povo que ali viveu. Em incursões aleatórias pelos abrigos agora vazios, garimpavam o que seria o conteúdo das arcas. Jamais seriam localizadas e jamais seria revelado aos olhos e mãos de outros o que se perpetuaria no interior delas até se consumirem por si. Sequer imaginavam ser inútil a guarda de manuscritos, vestes, utensílios...

Chegou-se, assim, a um tempo em que quase nada mais havia para ser feito. Alimentavam-se em raras ocasiões. Pouco deixavam o abrigo, pois já não tinham forças nas pernas arqueadas para fazer as caminhadas nos finais das tardes. O último carneiro do rebanho fora imolado há anos. Na plantação restava somente um resquício de trigo, passado de colheita e totalmente impróprio para ser transformado em farinha. Mesmo as pedras do antigo moinho perderam a força para triturar os grãos. Tudo o que antes fora abundante e belo, agora se transformara em pouco, raro, nada...

Quando Ela abriu os olhos em uma daquelas manhãs frias do outono, chamou por Ele. Teve o silêncio como resposta, como acontecia todas as manhãs. Após um breve cochilo, voltou a chamar pelo companheiro, que novamente retribuiu com silêncio. Ela saiu da cama e contornou a cadeira de espaldar alto onde ele costumava dormir. Ele estava ali, imóvel, a fitar com olhos semicerrados algum lugar incerto. Ela perguntou se estava com sede. Novamente o silêncio. Então,

encheu e sorveu de um gole o conteúdo pela metade de uma caneca feita em madeira. Voltou a encher o recipiente e levou à direção da mão de Ele. Além do silêncio, a inércia de Ele foi o sinal para Ela perceber que alguma coisa não estava acontecendo como cotidianamente acontecia. Tentou despertá-lo com um sussurro, uma fala, um grito...
Os filhos sempre realizaram os funerais dos pais. Ela fez o funeral de seu pai e de sua mãe. Ele também fizera. Confusa com a repentina quebra das regras que foram seguidas por todos os antepassados, questionava-se da correção de alguém realizar o funeral de quem não fosse seu pai ou mãe. Quedava-se intrigada pelos cantos do abrigo, olhar perdido no tempo. Buscava na memória as minúcias para se fazer as vestes, os símbolos, os cantos, os rituais todos. Procurava lembranças de quando entoou os mantras nos funerais que realizou. Pouco conseguia lembrar. Então, pôs-se para fora do abrigo em busca de galhos caídos e troncos de árvores mortas para erigir a pira funerária. Continuava a questionar-se sobre ser correto fazer o encaminhamento de Ele ao reino luminoso, segundo as leis ancestrais de seu povo. Quando, enfim, voltou à consciência, Ela percebeu que Ele já não tinha, sobre a cadeira de espaldar alto, a forma que conhecera. No assento restavam trapos, ossos, fios de cabelo, pó...
Por ter consciência de que ficara sozinha na campina que se estendia sobre o vale em uma das margens do rio, Ela sentou-se no degrau da porta do abrigo e sentiu que de seus olhos escorria líquido. Nunca antes havia chorado porque tudo o que vivera foi natural, antecipado pelos que relataram a sequência inquebrantável que todos vivenciariam. Após chorar, derrubou-se em tão profundo sono que não mais sonhou nem sentiu passar o tempo. E este mesmo tempo transformou Ela, ali, no degrau da porta do velho abrigo, em um pequeno amontoado de trapos, ossos, fios de cabelos, pó...

A história do povo e de Ela, sua derradeira representante sobre a face do mundo tal qual foi conhecido pelas gerações, acabou em um final de tarde de temperatura amena, quando o vento carregou, levou sem destino pelo ar dos campos vastos, pelo meio das florestas e sobre as águas sem fim de rios e mares a poeira que jazia no degrau da porta do velho abrigo feito de toras de madeira e coberto com placas de lava vulcânica, todo já carcomido pelo tempo hostil.

SOBRE O AUTOR

Rogério Lima é natural de Ponta Grossa (PR), licenciado em Letras Português – Inglês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Desde jovem atua na comunicação, em jornais, revistas, rádios e TV. Durante dez anos foi professor da rede estadual nas disciplinas de Português, Inglês e Literatura Brasileira. Desde 2017 é redator e apresentador do Jornal da Cruzeiro, na Rádio Cruzeiro do Sul FM, emissora de rádio comunitária de Palmeira. Atuou em vários cargos públicos e foi vice-prefeito de Palmeira (1997 a 2000).

É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira desde 1999. Seu primeiro livro, *O anarquista Pimpão*, é uma pesquisa sobre Andrea Giuseppe Agottani, um italiano que conduziu o legado da Colônia Cecília no início do século 20 no Brasil e na Europa, e foi publicado em 2020, mesmo ano da publicação do livro *O cronista que caiu no conto*, viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc. Tem várias crônicas publicadas no projeto "Crônicas dos Campos Gerais", da Academia de Letras dos Campos Gerais.

SOBRE A EDITORA

A **ABC Projetos Culturais** é uma editora paranaense independente, fundada em 2007, no município de Ponta Grossa (PR), pela escritora e jornalista Alessandra Pirroncello Bucholdz. Ao longo de 17 anos, lançou cerca de uma centena de livros e revelou diversos escritores paranaenses. Em 2024 foi finalista do Prêmio Jabuti Acadêmico, com a obra EspeleoPiraí: em defesa do patrimônio natural de Piraí da Serra/PR, organizada por Henrique Pontes e Laís Massuqueto.

Além da produção editorial, a ABC Projetos Culturais promove ações de incentivo à leitura, utilizando várias linguagens complementares, como forma de interação e interface do público com as obras. Desse modo, provoca novas experiências, tornando o acesso à literatura ainda mais completo, mágico e imersivo, promovendo memórias afetivas que unem obras e leitores. A ABC Projetos acredita na leitura como pilar e caminho que inspiram e abrem janelas para diferentes universos.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

@abcprojetosculturais

[CONTOS E CRÔNICAS]

SINOPSE

Em seus textos, o autor expressa aquilo que melhor traduz sua sensibilidade em captar do cotidiano nuances sutis, de forma instigante e original. As fraquezas e virtudes humanas são abordadas em seus personagens, com leveza e profundidade.

Para tanto, usa a linguagem simplória e agradável de personagens comuns, tramita pelo controverso tema da "vida após a morte", recorre a fatos históricos regionais para dar cenário a dois dos contos, bem como a situações autobiográficas. Também viaja pelas ilusões etílicas da boemia e a realidade fantasiosa do circo, assim como pela cruel e arraigada verdade do racismo e da violência.

Com habilidade, desce às minúcias, permeando as narrativas com situações inusitadas, conduzindo o leitor a uma fantástica viagem em impressionantes tramas que compõem uma teia na qual os personagens se movem com sagacidade e dinamismo.

ISBN 978-65-86870-92-3

LEI PAULO GUSTAVO
A LEI ALDIR BLANC PARANÁ
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO